

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

**LIVRO-REPORTAGEM ROTATIVAS SILENCIADAS: O FIM DA
PUBLICAÇÃO DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA**

Uberlândia

Dezembro – 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

**LIVRO-REPORTAGEM ROTATIVAS SILENCIADAS: O FIM DA
PUBLICAÇÃO DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA**

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, na linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação, orientado pela professora Dr^a. Ana Cristina Menegotto Spannenberg.

Uberlândia

Dezembro – 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A474L 2018 Alves, Fillipe Gomes de Souza, 1986-
Livro-reportagem rotativas silenciadas [recurso eletrônico] : o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia / Fillipe Gomes de Souza Alves. - 2018.

Orientadora: Ana Cristina Menegotto Spannenberg.

Relatório (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.602> ;

<https://rotativassilenciadas.wordpress.com>

Produto: Livro reportagem `Rotativas silenciadas: o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia_

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Correio de Uberlândia (Jornal) - História. 3. Jornal - Uberlândia -1938-2017. 4. Correio de Uberlândia (Jornal) - Reportagens especiais. I. Spannenberg, Ana Cristina Menegotto, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

Gloria Aparecida - CRB-6/2047

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES

**LIVRO-REPORTAGEM ROTATIVAS SILENCIADAS: O FIM DA
PUBLICAÇÃO DO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA**

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, na linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação, orientado pela professora Dr^a. Ana Cristina Menegotto Spanenberg.

Uberlândia, 10 de dezembro de 2018.

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Menegotto Spanenberg (FACED/UFU)

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl (INHIS/UFU)

Profa. Dra. Mônica Celestino Santos (Faculdade Social da Bahia)

AGRADECIMENTOS

À minha família e à minha noiva, por serem meu esteio incondicional.

A professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, pela orientação e incentivo.

Aos colegas de mestrado e amigos, pelos diálogos, reflexões e trocas de experiências.

A cada um dos entrevistados, por confiarem na minha pesquisa, dedicarem tempo para contribuir e por acreditarem no valor deste trabalho.

À Universidade Federal de Uberlândia e a todos os profissionais da Faculdade de Educação, pelo acolhimento, pela oportunidade e pela atenção.

RESUMO

O presente trabalho relata o processo de produção do livro-reportagem *Aposentando as rotativas: o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia* produzido com base em pesquisas e entrevistas ao longo dos anos 2017 e 2018. A ideia do trabalho surgiu três meses após o encerramento das atividades do então único impresso da cidade, fato que trouxe indagações e inquietações sobre os motivos que levaram ao fim um jornal com quase 80 anos de existência. Para entender o porquê de parar com a publicação do veículo e propor respostas a esse problema no formato de um livro-reportagem, foi necessário passar por um arcabouço de referenciais. Nesse sentido, partimos para a produção de um relatório dividido em três capítulos conceituais que apresentam reflexões sobre a história do jornalismo no Brasil, como escrever um livro-reportagem e os conceitos de memória e história. A metodologia utilizada consistiu em pesquisas na internet e de documentos no Arquivo Público de Uberlândia, especificamente, sobre os jornais impressos de Uberlândia desde sua origem, e entrevistas com jornalistas, historiadores e pessoas ligadas à mídia e à política do município. Ao todo foram realizadas 17 entrevistas que auxiliaram na condução da narrativa do livro. Com isso, foi possível trazer à tona diversas circunstâncias que envolveram a trajetória da imprensa de Uberlândia que consideramos relevantes e pertinentes como hipóteses sobre as motivações que levaram o Correio de Uberlândia, assim como outros impressos antes dele, ao encerramento de suas atividades.

Palavras-chave: Correio de Uberlândia. Livro-reportagem. História. Encerramento. Publicações.

ABSTRACT

This paper reports the non-fiction book production process *Retiring the presses: the end of the publication of the newspaper Correio de Uberlândia* based on research and interviews throughout the years 2017 and 2018. This work's idea emerged three months after the closure of the activities of the only city journal until then, a fact that brought inquiries and worries about the reasons that led to the end of a newspaper with almost 80 years old. In order to understand why to stop the publication of the vehicle and to propose answers to this problem in the format of a non-fiction book, it was necessary to go through a frame of references. Thus, we set out to produce a report divided into three conceptual chapters that present reflections about history of journalism in Brazil, such as writing a non-fiction book and memory and history concepts. The methodology used consisted of researches on the Internet and documents in Uberlândia Public Archive, specifically on printed newspapers from Uberlândia since its inception, and interviews with journalists, historiographers and people linked to the city media and the politics. All in all, 17 interviews were conducted to help with the book's narrative. With this, it was possible to bring to light several circumstances that involved Uberlândia's press history, that we consider relevant and pertinent as hypotheses about the motivations that led the *Correio de Uberlândia*, as well as other journals before it, to the closure of its activities.

Keywords: Correio de Uberlândia. Non-fiction book. History. Closure. Publication.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 8 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 10 |
| 3. MEMORIAL ACADÊMICO..... | 12 |
| 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 14 |
| 4.1. LIVRO REPORTAGEM, <i>LEAD</i> E O EMBATE NA ESCRITA DOS FATOS. | 14 |
| 4.1.1. Sobre o e-book..... | 21 |
| 4.1.2. Montando o livro-reportagem..... | 23 |
| 4.2. HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL..... | 25 |
| 4.2.1. A imprensa antes da América..... | 25 |
| 4.2.2. A imprensa chega ao Brasil..... | 28 |
| 4.2.3. A chegada tardia da imprensa..... | 31 |
| 4.2.4. Reflexões sobre a imprensa de Uberlândia..... | 34 |
| 4.3. HISTÓRIA MEMÓRIA E JORNALISMO..... | 40 |
| 4.3.1. Esforço de recordação e o esquecimento..... | 43 |
| 5. DADOS SOBRE O PRODUTO..... | 46 |
| 5.1. MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO..... | 46 |
| 5.2. DIAGRAMAÇÃO..... | 46 |
| 5.3. DISTRIBUIÇÃO ONLINE..... | 47 |
| 6. RELATO DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO..... | 48 |
| 7. EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE..... | 52 |
| 7.1. CUSTOS..... | 52 |
| 7.2. DILVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO..... | 52 |
| 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 54 |
| 10. APÊNDICE A..... | 58 |

| | |
|----------------------------|-----------|
| 11. APÊNDICE B..... | 59 |
| 12. APÊNDICE C..... | 60 |
| 13. APÊNDICE D..... | 62 |
| 14. APÊNDICE E..... | 65 |
| 15. APÊNDICE F..... | 72 |

1. APRESENTAÇÃO

Por várias décadas Uberlândia teve um jornal impresso diário como referência em notícias da cidade e da região. Principal impresso da cidade, o jornal *Correio de Uberlândia* começou sua história em 1938. A partir daí, o veículo foi adquirido por vários proprietários até quando, em 1986, o Grupo Algar garantiu o controle acionário da publicação. Trinta anos depois, o grupo anunciou o fim do jornal, tanto impresso quanto digital.

Embora a cidade tivesse vivenciado a abertura e fechamento de redações impressas – como foi o caso dos jornais *O Triângulo*, *O Repórter*, *Tribuna de Minas*, *O Jornal de Bolso* e o *Primeira Hora* –, o fim da publicação do *Correio* provocou surpresa na população e em veículos e instituições de comunicação de Uberlândia. O *Correio* foi referência para muitas pautas, especialmente por chegar cedo à porta de todas as casas. O que era capa no diário tornava-se assunto veiculado nas diversas outras mídias.

Em face desse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo esclarecer como se deu o processo de construção da imprensa na cidade e quais os motivos que levaram ao encerramento das atividades do mais tradicional impresso de Uberlândia. Hipóteses não faltam, a começar pelo comunicado do Grupo Algar sobre mudanças de estratégia de mercado. Dentro do meio jornalístico da cidade, sabe-se que o jornal basicamente acumulava prejuízo ao grupo Algar, fatos que são apontados no conteúdo do livro-reportagem. E, dentro da perspectiva dessa referência e da escola de jornalismo da segunda maior cidade do interior de Minas, é de alto valor pesquisar os motivos do fechamento e qual a importância que o meio jornal impresso tem para a sociedade uberlandense a partir de visões de leitores e jornalistas que trabalharam ou, simplesmente, enxergaram relevância na comunicação do município. Outras questões para as quais a pesquisa pretende procurar respostas são: por que Uberlândia teve, por muito tempo, apenas um veículo impresso e quais as razões para outros diários não se consolidarem como mídias impressas na cidade?

A redação do livro-reportagem (disponível em: rotativassilenciadas.wordpress.com) foi conduzida a partir de investigações histórico-jornalísticas, as quais dialogam em bastante harmonia, por sinal. As duas especialidades trazem consigo o peso da objetividade, da desmistificação, da interpretação do fato histórico e da busca por consistência desses fatos. A partir do século XX, especificamente a história passou por atualizações enquanto ciência no seu modo de fazer.

Surge, como aponta Jacques Le Goff (2003) em seu livro *História e Memória*, nesse período, a crítica da noção de fato histórico. Isso significa que ele que não é um objeto dado e acabado, visto que resulta da construção do historiador. Simultaneamente há também a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente. Na verdade ele exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro. Também ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia. Agora, os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto, podendo também constituírem-se de “arquivos orais”.

As entrevistas foram partes cruciais da pesquisa. Na abordagem com os personagens, estiveram em pauta questões que diziam respeito à visão de cada um deles sobre a existência dos periódicos; também foram elaboradas questões para entender as relações do jornalismo com a sociedade uberlandense, quais manchetes ganharam mais relevância e a importância de determinados veículos no desenvolvimento da imprensa na cidade. A escolha de cada fonte se deu pela relação e afinidade com a história da cidade, com os trabalhos nas redações e com o produto jornal.

De tal forma, este trabalho se propõe a trazer reflexões sobre a história de um objeto que tem implicações significativas no passado e presente de Uberlândia. A intenção é que esta pesquisa possa enriquecer o debate sobre a transformação e sobrevivência do jornalismo impresso em uma era que o digital vem conquistando domínio e a crise do jornalismo também passa a ser um tema para se repensar o fazer da profissão neste ambiente de novas mídias. É um trabalho direcionado aos profissionais e estudantes de jornalismo, bem como àquelas pessoas interessadas em conhecer parte da história de Uberlândia pelo prisma da imprensa e sua trajetória.

O presente relatório está estruturado em cinco capítulos. Além do primeiro, que traz a presente apresentação, o capítulo dois aborda os principais conceitos que norteiam a pesquisa. São três subcapítulos abrangendo os temas “livro-reportagem”, “história da imprensa no Brasil” e “história, memória e jornalismo”. O capítulo três refere-se aos procedimentos metodológicos utilizados na elaboração da pesquisa. Na última parte, estão delineadas as devidas referências bibliográficas utilizadas na composição do relatório.

2. JUSTIFICATIVA

Escrever o livro-reportagem sobre o jornal *Correio de Uberlândia* e as circunstâncias que levaram ao fim da publicação leva a pesquisa à busca por conceitos, paradigmas e desafios do jornalismo impresso. É um assunto que agora se torna fundamental no que tange à possibilidade de entender a trajetória dessa mídia em Uberlândia. A linha do tempo que parte das primeiras décadas do século XX até o começo do século XXI está recheada de ideias, determinações, anseios políticos e sociais, avanços e crises financeiras e transformações tecnológicas.

Curiosamente, por ser uma cidade fundada um ano antes da Proclamação da República, tem suas histórias quase que entrelaçadas com a história da imprensa na cidade. A vida da sociedade e da política uberlandense dialogou profundamente com a mídia local e vice-versa. O jornalismo em Uberlândia ainda é um tema pouco explorado nas pesquisas acadêmicas ao se considerar a quantidade de veículos nas esferas do rádio, televisão, impresso e da internet. Isso reforça a necessidade de ampliar os estudos nessa área, pois se trata de uma abordagem que traz contribuições à história do município e do processo de desenvolvimento da sociedade uberlandense.

A partir desses elementos, o presente trabalho se baseia em delinear fatos que contribuíram para o encerramento das atividades do *Correio de Uberlândia*, principal impresso de Uberlândia. Dentre dezenas de periódicos que surgiram e deixaram de existir na cidade, por que fazer uma pesquisa sobre o *Correio de Uberlândia*? Ele foi o jornal mais longevo que existiu em Uberlândia, com 79 anos de duração. Pouco se escreveu sobre o jornal quando se refere à sua história e seu percurso jornalístico, além de ter sido um periódico de grande relevância para pesquisas históricas sobre o município. Também é válido ressaltar que aquilo que se sabe sobre seu encerramento estava descrito apenas no editorial e em algumas matérias quando o anúncio foi oficializado pela empresa responsável por editar o jornal. Com isso, sentimos a necessidade de ir mais a fundo e encontrar elementos que levaram de fato ao fim da publicação.

Para se chegar a esse ponto, é fundamental passar pela história do jornalismo impresso de Uberlândia, com destaque para a trajetória dos veículos que marcaram tal percurso. A pesquisa se propõe também a ser um registro que aborda diversos desafios da imprensa local, como as relações íntimas entre política, imprensa e mercado, diagnóstico da sociedade local, a

exemplo da cultura e gosto pela leitura, bem como interesses e fatores econômicos que refletem diretamente na vida do jornalismo uberlandense.

Esta é a primeira publicação que visa a compreender o encerramento do jornal, até mesmo por ser um fato recente. Por ter sido um veículo que pautou a sociedade uberlandense por quase oito décadas, entender sua trajetória se faz indispensável. O livro-reportagem foi o instrumento selecionado como suporte dessa pesquisa em face da possibilidade de distribuição gratuita e compartilhável por meio da internet. Logo, o trabalho fundamentado no presente relatório resultou em um livro-reportagem virtual – ou e-book – de acesso gratuito por meio de download em uma página na internet criada especificamente para abrigar o produto. O livro também é uma forma de ligação com o objeto estudado, pois, mesmo sendo um documentário filmado, a essência do jornal é a escrita e a leitura. O mesmo se diz de um livro.

O produto, enquanto resultado de uma pesquisa de mestrado profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, atende aos objetivos do curso por oferecer uma reflexão que combina conhecimentos construídos em saberes acadêmicos com informações de interesse da sociedade como um todo, bem como do mercado da comunicação uberlandense de modo particular. O livro-reportagem ainda pode ser utilizado para consulta tanto por pesquisadores interessados no tema quanto por estudantes, visto que pode se enquadrar como documento de estudos para os cursos de Jornalismo e História e disciplinas que trabalhem temas pertinentes à área.

3. MEMORIAL ACADÊMICO

O que é ciência e o que é verdade é algo com que todo cientista se depara. E saber em qual terreno encontra-se sua pesquisa é um processo construído a longo prazo. Na verdade, ser cientista é um processo. Eu comecei com a graduação em História, concomitante com a de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Especializei-me em Gestão e Projetos em Turismo e, em 2017, dei início a uma nova etapa, com o mestrado em Tecnologias e Comunicação e Educação.

Desde meu início na trajetória acadêmica me deparei com uma atmosfera tensionada. A tensão da explicação de fatos por meio de lentes diversas, cada qual se justificando enquanto relato oficial, tanto no jornalismo quanto na história. E o que mais vi acontecer e me vi fazendo parte disso é a defesa de um conhecimento ao receber montantes de críticas quanto à sua técnica de verificar os fatos. E, hoje, me vejo na necessidade de verificar meu projeto de pesquisa dentro dessa mesma perspectiva, afinal mesmo com a vulnerabilidade dos apontamentos de problemas e falhas, entendo que vou em busca de um produto em que reforçarei suas referências por meio de teorias balizadoras.

Dentro da linha de pesquisa de História (e reforço mais sobre essa graduação por ter sido a qual me envolvi em projetos de pesquisa com apoio de programas fomentadores) participei da corrente de História Cultural. No âmbito acadêmico, embora não fosse uma corrente inovadora, ainda sofria bastante com críticas por parte de estudantes, professores e historiadores de linhas de história política, gênero e movimentos sociais. Para essas correntes, a história cultural era apenas uma perfumaria, ou seja, era algo de trato e gosto fino – um acessório –, porém não servia como base fundamental para a explicação consistente dos fatos históricos ou como uma historiografia eficaz.

Nossos trabalhos sempre foram em defesa da existência da corrente, a qual via como necessário o entendimento da história a partir da análise de documentos como filmes, peças de teatro, literatura, música e outros elementos ligados à expressão da arte. Agora me vejo seguindo um novo caminho científico. Penso que, ao menos, dentro da universidade e daquilo que vejo como produção de projetos científicos, é essencial a busca por referenciais no que tange à defesa de ideias, realização de projetos e trabalhos de conclusão de curso enquanto explicadores dos fatos de uma lógica científica e da realidade. No caminho do meu projeto vivo em um corredor de questionamentos comigo mesmo sobre os recortes, referenciais e outros aspectos que podem vir a ser discutidos. Afinal, tratar sobre a história da imprensa de

Uberlândia é um desafio novo. Até onde pesquisei, não descobri nada a respeito, porém tenho encontrado pistas que podem transformar essa pesquisa em um trabalho consistente.

Entender como a sociedade uberlandense e a imprensa se relacionaram até o fechamento do principal veículo impresso anunciar seu fim será um trabalho motivador. Não só enquanto jornalista, mas como uberlandense também. É a mesma motivação que me fez perambular pelos caminhos da história cultural por meio de obras e produtos que foram referências sobre a história da Alemanha no período do Terceiro Reich. À época, busquei defender a importância dessa corrente historiográfica através da literatura de testemunho. Cerquei-me documentos sobre pessoas que viveram a perseguição imposta pela Solução Final do governo hitlerista para provar que os acontecimentos do Terceiro Reich podem ser explicados pela literatura, pelos quadrinhos e outros elementos artísticos.

Antes disso, dentro de programas fomentadores, no meu caso o Programa Institucional de Bolsas de Graduação (Pibeg), também analisei peças de teatro e filmes que contavam a vida das pessoas na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial e a República de Weimar. Todo esse material serviu de base para conhecer como estava se dando a construção da Alemanha até a chegada de Adolf Hitler ao poder e sua consequente queda. A história cultural permitiu a análise de fatos, mas por uma lente totalmente diferente daquelas mais tradicionais dentro da História.

Já na graduação em Jornalismo, meu terreno para a conclusão do curso foi a história do Hospital do Câncer de Uberlândia e a relevância dele no tratamento da doença. Elaboramos três produtos (rádio, revista e documentário para TV) em que trabalhamos os lados dos pacientes, profissionais do hospital e integrantes do Grupo Luta Pela Vida que ajudaram na construção do complexo.

Além das duas graduações, pude perceber que jornalismo e história andam juntos na apuração, no trato com os documentos, nas entrevistas, na busca pela versão mais precisa do fato. É nesse ritmo que sigo com o mestrado na linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Livro-reportagem, *lead* e o embate na escrita dos fatos

Neste primeiro capítulo, o debate ocorre em torno do conceito de livro-reportagem e como esse modo de fazer jornalismo vem ganhando espaço dentro do jornalismo impresso. A proposta é a abordagem dos seguintes tópicos: origem do estilo, como ele se desenvolveu, quais os principais títulos e gêneros, quais as perspectivas para os próximos anos, a relevância desse modelo de jornalismo, os desafios enfrentados e os padrões rompidos ou agregados.

O livro-reportagem é, em definição, um meio diferente e aperiódico de publicação de informações de caráter jornalístico, que reúne uma gama de informações devidamente bem explicadas, levando sempre em consideração a técnica e a conduta jornalística com profundidade e narrativa bem construída. Além disso, o livro deve abordar assuntos que sejam duradouros, ou seja, gerem interesse por bastante tempo. Junto a isso, são elementos cruciais a abordagem profunda, com detalhamento, análise e conteúdo consistente, diferenciando-se das publicações diárias da mídia.

(...) o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26).

Os jornais impressos, como aponta Eduardo Belo (2006), têm perdido receptores em uma competição com os outros meios de comunicação tradicionais, como televisão, rádio e internet. Antes compreendida como o principal meio de informação, a mídia impressa aparenta não ter percebido que essa característica não é mais exclusiva dela própria. Esse *status* foi-se perdendo com o advento desses novos meios, mas ganhou ainda mais força a partir do final dos anos 1990 e início dos 2000. Mesmo assim, a única vantagem que carregam até o momento é a credibilidade e a profundidade no tratamento da notícias.

A internet, tecnologia mais atual e que tem grande peso e influência na sociedade é um novo momento em que o jornalismo se deparou, mas que não se faz inédito. Ao longo do século XX, várias mudanças tecnológicas surgiram o jornalismo conseguiu passar por todas

elas, de acordo com Meyer (2007). A queda na circulação de jornais apresenta outro problema: o acesso à informação é tido como essencial na manutenção da democracia. Logo, é um problema que atinge tanto as empresas quanto a sociedade como um todo, na medida em que obter informação alimenta a cidadania. Meyer afirma que os jornais precisam adotar as tecnologias e criar mais com uso delas para reunir mais valor sobre seu produto. As tecnologias surgiram, assim, para servir públicos diferentes e ganhar novos mercados. A web é, inclusive, a chance de atrair para si novos leitores, pois tem um formato diferente, bem como um acesso rápido. A integração e a convergência de conteúdos de mídia deve ter esse panorama em mente para manter a atribuição social do jornalismo, sua prestação de serviço, seja online, rádio televisão ou outras mídias com potencial de público.

Talvez seja necessário um tipo diferente de jornalismo, sustentado por uma base financeira diferente, para nos conservar inteiros. Para o bem de nossa saúde social e política, devemos entender o suficiente sobre o jornalismo como negócio para tentar preservá-lo em novas plataformas. (MEYER, 2007, p. 16)

Também em busca de alternativas, Belo (2006) avalia que a dificuldade dos impressos é realmente encontrar um novo caminho que possa se adequar a esse mundo de velocidade da informação, conteúdos gratuitos. É preciso sobreviver nesse período da informação eletrônica e quase imediata. Mais do que a plataforma, o autor salienta que é preciso, principalmente focar no conteúdo. Para ele, a reportagem, diferencial da imprensa, está sendo esquecida, devido à cultura de um jornalismo de textos curtos, objetivos que atendam ao cotidiano das redações.

Ao que se percebe, a mídia impressa cai, portanto, no usual. Belo (2006) afirma que são publicadas as mesmas notícias já disponibilizadas antes por outras mídias gratuitas, como a internet, mais rápidas que a televisão. No final, há uma falta de novidade dentro dos impressos e uma incapacidade de cativar as novas gerações, o que coloca em xeque o futuro dessa modalidade. Profissionais insatisfeitos com esse formato de jornalismo passaram a atuar como *free-lancer*, ainda mais com a baixa oferta de emprego nas redações, ou encontraram novos rumos com a oportunidade de aprofundar mais em alguns assuntos por meio do livro-reportagem.

Embora seja difícil apontar, o livro-reportagem ganhou mais força na Europa do século XIX enquanto subgênero da literatura. Para Pena (2005), esse período é pontuado com a ocupação dos escritores de um ambiente noticioso proporcionado pelos folhetins, em

especial na França. De tal maneira, há uma consolidação do estilo literário na escrita, englobando conteúdo e linguagem e que passou por transformações ao longo do século XX, o que proporciona ao jornalismo literário um conceito amplo.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2013, p. 21)

Na concepção de Belo (2006), jornalismo e literatura nessa época caminhavam juntos e eram de difícil distinção devido ao estilo dos textos. Artigos, editoriais, ensaios e literatura eram a forma de se fazer jornalismo à época, carregados de proposição de ideias. Diferente do jornalismo norte-americano, o qual é passado a nortear o estilo da imprensa brasileira a partir da década de 1950, o europeu surgiu de atividades político-partidárias. Já nos EUA, os jornais eram de empresas e pautavam-se pelo texto curto e objetivo.

Da relação entre jornalismo e literatura, a partir do arranjo e do estilo, respectivamente, Bezerra (2008), nasce o produto livro-reportagem, um produto que carrega um fato detalhadamente reportado. Ou seja, o autor indica que a maior abrangência de informações raramente tem espaço no chamado jornalismo tradicional, veiculado nos diários impressos, rádio e televisão. É preciso, portanto, um suporte para esse tipo de reportagem.

O livro-reportagem é o resultado mais visível da junção entre Jornalismo e Literatura. É uma forma híbrida que utiliza de expedientes jornalísticos (pauta, temática, redação e edição) e literários (elementos narrativos, etc.). Atinge, desse modo, um território que mergulha no fato e conta uma história. Daí, diz-se que a obra é jornalística e literária. (BEZERRA, 2008, p. 12)

Ganhando cada vez mais espaços no mercado editorial brasileiro, ainda que o Brasil não se apresente com a mesma maturidade da Europa Ocidental e da América do Norte no que tange ao segmento, o livro-reportagem – na reflexão proposta por Belo (2006) – se apresenta como parte do jornalismo moderno, ao passo que contribui valorosamente para o aprofundamento dos fatos em seus mais diversificados temas. O gênero preenche as lacunas deixadas pelo jornalismo cotidiano, independentemente da modalidade do veículo, inclusive a

internet. O livro-reportagem mantém um lugar fixo no campo da informação devido à diferença de seu estilo e formato para com o jornalismo convencional, caracterizado pela efemeridade da informação, a qual acrescenta algo novo ou inédito a cada dia.

O contexto da revolução industrial e o surgimento do rádio, ainda não tão popular enquanto noticiário, colocavam os jornais como principais meios de informação sobre os acontecimentos do mundo. Com as guerras, esse papel da reportagem ganhou ainda mais notoriedade e se espalhou por outros lugares. Em sua obra denominada *Livro-reportagem*, Eduardo Belo (2006) cita revistas que adotaram as reportagens no Brasil, como *O Cruzeiro*, *Diretrizes* dentre outros periódicos, como o *Jornal do Brasil*.

Depois de ter praticamente nascido da literatura, o jornalismo havia se afastado pouco a pouco dela. O acelerado processo de urbanização dos dois séculos anteriores produziu o aglutinamento de pessoas com ideias e princípios diferentes. Com sua visão de jornalismo de negócio e para atingir um público mais amplo, a imprensa americana começou a adotar padrões de objetividade e de linguagem. A finalidade era atingir ao máximo de leitores com formações diferentes e graus de instrução díspares. Essa visão empresarial acabou reforçando o padrão jornalístico baseado na pirâmide invertida, tão largamente difundido no Brasil. (BELO, 2006, p. 24).

A regra da pirâmide invertida (*lead*) passou a ser utilizada durante as guerras, segundo Eduardo Belo (2006). A necessidade de contar os fatos e contando com imprevistos e caros sistemas de informação, como o telégrafo, os jornalistas preferiam garantir o principal da informação, além de ser uma forma rápida de chegar aos jornais, com facilidade de edição e possibilidade de, em caso de desastre, ter o principal em mãos, sem necessitar dos detalhes encontrados no final do texto. Outra função do *lead* é dar mais objetividade ao tratamento do fato. Essa e outras especificidades fizeram com que o jornalismo se tornasse uma profissão com técnicas apropriadas ao seu ordenamento.

A vinculação da prática jornalística a procedimentos técnicos indicava mais uma tentativa no sentido de esvaziar o produto jornalístico de qualquer traço de subjetividade. A lógica que se construía, sustentada pelo positivismo, era a de que a notícia deve ser um produto decorrente de procedimentos técnicos e, portanto, descreve a realidade tal como ela se apresenta, retomando a noção de que o relato jornalístico forma uma espécie de “fotografia” do real. (SPANNENBERG, 2015, p. 31).

Muito entranhado no conceito de *lead*, Belo (2006) comenta que o jornalismo é repetidamente criticado pela natureza superficial de sua narrativa dos fatos. O sistema de pirâmide para a construção do texto jornalístico preza pelas perguntas básicas para apresentar uma notícia ao seu público de maneira rápida e objetiva, enfocando naquilo que o jornalista pensa ser o mais importante a se saber. A resposta a essas críticas cunhou em um estilo de texto mais denso, ao qual o repórter imerge nos detalhes e traz mais informações para possibilitar uma melhor absorção e crítica do público.

De acordo com Belo (2006), as grandes reportagens, rotuladas como *New Journalism* (Novo Jornalismo), voltaram aos jornais devido ao avanço tecnológico e ao cenário da época que instigava essa produção. Muitas das grandes reportagens foram depois publicadas enquanto livros e eram uma forma de protestar contra a chamada “ditadura do *lead*”. O Novo Jornalismo se reaproximava da literatura, narrando os fatos com recursos próximos aos literários em vez da linguagem apressada e objetiva dos jornais. A sociedade passou a se interessar pelas histórias humanas com tons mais interessantes do que o já acostumado pelos periódicos diários. Por isso, muitos faziam a transição para os livros. Enquanto esse formato era novo nos EUA, na Europa essa era a forma mais tradicional do jornalismo; logo, nada de novo para os europeus.

Por essa época, a reportagem ganhou status, e a sociedade, cada vez mais urbana, a abraçou de vez como um “artigo de consumo”. Numa época em que o preço e a oferta de papel ainda não preocupavam os jornais e praticamente não havia concorrência de outros meios – a não ser o incipiente rádio, àquela altura mais preocupado em transmitir programas de variedades –, a grande reportagem, ainda com algum molho ficcional, floresceu, sobretudo nos Estados Unidos. Na primeira metade do século, jornais e revistas destinavam áreas extensas de suas edições para contar o que lhes pareciam ser boas histórias. Uma parcela considerável delas foi parar nas páginas dos livros. (BELO, 2006, p. 22).

Wolfe (2005) explica que o Novo Jornalismo surge, na década de 1960, da aproximação da imprensa com a literatura na composição de seus textos. Como é natural em toda mudança, as críticas a esse estilo vieram dos literatos e dos jornalistas, mas o leitor recebia bem essa nova prática. Para se mostrar como algo além de um estilo de narrativa, como apontado anteriormente, o Novo Jornalismo indicava que a apuração deveria ser mais profunda, já que a reprodução de diálogos, cenas, descrições e detalhes precisavam ser amplamente verificados de modo a integrar o texto. Era um desafio enorme, pois, além de

trazer os fatos à tona, era necessário entregar ao leitor a subjetividade dos personagens e da atmosfera narrada.

A inspiração e uso de técnicas do realismo embasavam a escrita do Novo Jornalismo. Diálogos, narrativa de cena para cena, ponto de vista da terceira pessoa e os detalhes simbólicos do cenário, da atmosfera e dos gestos são ingredientes do novo estilo, como destaca Wolfe (2005). Para tanto seria preciso uma grande imersão através de entrevistas e observações dos entrevistados, bem como passar muito tempo com eles; alguns autores faziam parte dos acontecimentos numa abordagem etnográfica. Interessante mesmo é que o Novo Jornalismo traz liberdade ao autor. Liberdade, inclusive, para usar ou não essas técnicas.

As coisas mais importantes que se tentava em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico. Só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior. Por fim, eu e outros seríamos acusados de “entrar na cabeça das pessoas”... mas exatamente! Entendi que essa era mais uma porta em que o repórter tinha de bater. (WOLFE, 2005, p. 38)

As críticas contra o Novo Jornalismo iam desde a falta de crítica ao enchimento de conteúdo insignificante. Tom Wolfe não vê isso como ponto negativo no gênero, até porque, para ele, a excitação causada pelo texto e a apurada avaliação dos dados coletados mostravam a inovação do estilo, ou pelo menos, fazia os outros gêneros buscarem novidades para concorrerem ao público.

Mas na imprensa brasileira a cultura do *lead* era predominante desde a sua implementação a partir de 1950, quando o Brasil adotou de vez o padrão norte-americano em substituição ao europeu. Elementos como a pirâmide invertida e a supressão dos adjetivos nos textos deram formato à imprensa que é utilizada até os dias de hoje. Essa incorporação do padrão norte-americano fez o jornalismo brasileiro se afastar mais do perfil literário e se enquadrar na técnica do texto urgente.

Com o enxugamento de equipes, a produtividade é o lema das redações, sem matérias que demandem apurações de longo prazo. Essa produtividade é a responsável pela preferência da imprensa por fatos cotidianos que, na maior parte das vezes, não exigem esforços interpretativos, o que poderia ser um diferencial frente a outros suportes. Como se não bastasse, esse modelo é colocado como escolha dos leitores, em justificativas de que o público

não se agrada de textos longos e densos. Como diz o próprio Belo (2006), a reportagem para ser boa não é necessariamente longa.

Embora o cenário de crise enfrentado em determinados momentos pelo país fosse um elemento que pudesse lesar o jornalismo em sua produção, devido aos custos, Belo (2006) entende que é nesse momento que a imprensa deve mostrar seu papel social. Nesses casos, o ideal é oferecer reportagens com análises densas e de qualidade para o leitor se compreender onde a vida dele está inserida. É por isso que se percebe que a crise enfrentada pelo jornalismo é muito mais do que econômica. Passa a ser de identidade.

A função do jornalismo, para Edvaldo Pereira Lima (2009), diz respeito à informação e orientação. O vínculo do jornalismo é com o presente e seu conteúdo variado pressupõe chegar a um público heterogêneo, ou seja, possui um consumo difuso. Há ainda a necessidade de ser atual, o que na verdade tem um sentido maior do que o corrente. O jornalismo, então, deve atrair o público para algo que é novo, condição que o deixa conceitualmente ligado ao presente. O elemento “atualidade” precisa ser entendido, quando se trata de livro-reportagem, de modo mais flexível, visto que o conteúdo dele pode ser perene, quando se trata de questões do passado, mas que ainda se relacionam com o hoje e refletem na sociedade. A maleabilidade do “atual” para o livro-reportagem é importante, principalmente, pela sua periodicidade, que é única, ou melhor, inexistente. A conclusão alcançada é que o objetivo do livro-reportagem não é a atualidade em rigor semântico, mas sim o contemporâneo.

Assim, o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro-reportagem, quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas. Não se confunde com o trabalho da história, porque seu veio central é a contemporaneidade, mergulhando no passado apenas para compreender com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já fluiu, em duração curta, breve ou longa. E tampouco se confunde com a história porque, ao contrário desta, pode o livro-reportagem escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar ao futuro, antecipando a continuidade do atual, mediante seus desdobramentos, no que virá a ser. (LIMA, 2009, p. 44-45).

Eduardo Belo (2006) defende a qualidade em vez da quantidade de textos jornalísticos em meios impressos, pois pesquisas apontam que as pessoas leem menos de um terço do conteúdo dos jornais, além daqueles que buscam por editoriais ou assuntos específicos. Por

isso os veículos devem se preocupar mais com a seleção, pois o leitor precisa ser atraído pela qualidade da notícia apresentada.

Nem toda pré-seleção nem mesmo o encolhimento dos jornais brasileiros na última década foram suficientes para deixar a massa de dados presente hoje nos veículos impressos compatível com o tempo que o público médio pode empregar na leitura de um jornal. Voltando, então, à pergunta original, quem lê tanta notícia? Tirando possíveis casos patológicos de leitores compulsivos, praticamente ninguém. (BELO, 2006, p. 39).

O que coloca a mídia livro-reportagem como um desafio que deve ser encarado como espaço privilegiado de produção jornalística aprofundada. E que deve ser mais e melhor explorada.

4.1.1 Sobre o e-book

Com base na quarta edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹, 56% da população brasileira é considerada leitora, ou seja, pessoas que nos últimos três meses leram ao menos um livro inteiro ou em partes. Dentre a justificativa dos não-leitores, apenas 1% alegam que não o fazem por falta de acesso à internet. Isso significa que a internet não é um empecilho significativo, visto que as principais razões elencadas foram falta de tempo e falta de gosto pela leitura. Ao olhar para esses índices, percebe-se que uma maior disponibilidade dos livros nas bibliotecas digitais pode se tornar um incentivo na promoção do hábito de leitura. O ambiente do *eletronic book* (e-book) ainda é pouco explorado pelas editoras no Brasil. As pesquisas indicam que o mercado tem potencial no país, porém se desenvolve lentamente. O censo do livro digital² aponta que apenas 37% das editoras produzem conteúdo digital. Para entender um pouco sobre esse produto e a relevância dele no âmbito cultural, é preciso retomar as motivações de sua criação e as vantagens frente ao impresso.

Quando a ideia do livro digital foi criada em 1971 pelo estadunidense Michael Hart, a proposta era dar acesso gratuito de leitura às pessoas. Atualmente, nem toda distribuição de e-book é gratuita, mas verifica-se que é um mercado em expansão, principalmente devido ao surgimento e aperfeiçoamento de tecnologias como computadores e *smartphones*.

¹ FIPE. **Censo do livro digital**: ano base 2016. São Paulo, 2017

² INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Ibope Inteligência, 2016.

O pesquisador Sergio Bellei (2015) analisa as vantagens do computador enquanto ferramenta apta a reproduzir textos. Para o autor, existe um impacto cultural provocado pela tecnologia que começou a ser pesquisada por Hart. Imbuído do idealismo de universalização dos livros disponibilizados gratuitamente ou a valores simbólicos, Hart já buscava efetivar uma plataforma de armazenamento de informações na qual se enquadraria o e-book. Somente 20 anos após o início das pesquisas o primeiro livro digital foi lançado. O aprimoramento das tecnologias permitiu a ampliação do propósito de Hart, denominado de projeto Gutenberg, em referência ao inventor da imprensa. Há também uma corrente que compreende o nome como uma ironia à transposição do livro impresso para o eletrônico, sobrepondo a tecnologia criada por Gutenberg.

As alterações na forma de coletar e arquivar conhecimento vêm sendo frequentemente percebidas em termos de uma ameaça ao livro escrito, agora aparentemente em vias de desaparecer diante das possibilidades oferecidas pelo meio eletrônico. Conforme o caso, enfrenta-se a ameaça ora em termos de glorificação, ora do exorcismo sumário do computador, normalmente expressos sem a preocupação com um questionamento mais rigoroso do clássico postulado apocalíptico expresso na fórmula *ceci tuera cela*. (BELLEI, 2015)

A portabilidade é uma das vantagens que fazem o livro digital, mais conhecido como e-book, crescer no gosto dos leitores e também facilitar o acesso às obras. Em um mercado predominantemente dominado pelos livros de papel, o e-book é ainda um produto tímido no Brasil, visto que corresponde a 1,09% do mercado de livros no país, de acordo com o Censo do Livro Digital realizado em 2016 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Mas o e-book traz outras facilidades além da portabilidade. Ele é facilmente compartilhável e tem um custo baixo em sua distribuição. O acesso à internet, que vem ganhando ainda mais terreno nos últimos anos, é um ponto crucial no acesso aos livros digitais. A cada seis brasileiros existem cinco computadores (PC, Notebooks e tablets) ativos. Se verificada a densidade em relação aos portáteis (tablets e smartphones), o índice sobre ainda mais, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas - EAESP divulgada em abril deste ano. São 1,5 dispositivos portáteis em uso por habitante. Os dados apontam para uma oportunidade maior de inserção dos livros digitais na cultura brasileira e mundial, seja com vistas ao mercado, seja no intuito de democratização do acesso à leitura. O surgimento dos e-readers, é outro estímulo à portabilidade. A variedade dos formatos em que se dispõe o texto digital vão ao encontro da amplitude do acesso a tais documentos.

Portanto, levando-se em consideração os aspectos de portabilidade, compartilhamento e custo de distribuição diminuto, o formato digital foi a opção feita para a publicação do livro-reportagem *Rotativas Silenciadas: o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia*. Para abrigar a obra, foi criada uma página na web (rotativassilenciadas.wordpress.com) em design simples com informações básicas sobre o livro e um espaço de *download* gratuito. Desse modo, os interessados podem acessar de qualquer dispositivo conectado à internet e usufruir do conteúdo escrito no decorrer desta pesquisa de dois anos.

4.1.2 Montando o livro-reportagem

Quando se pensa numa reportagem, é importante livrar de sua produção os vícios que acompanham cotidianamente o modo de fazer notícia nos periódicos. No caso do livro-reportagem – que adota elementos que constituem a reportagem em si –, o mesmo deve ser feito com maior critério, apurações mais profundas e procedimentos mais aprimorados do que aqueles vistos no jornalismo diário. O tempo de pesquisa e o formato do produto contribuem para esse caminho diferenciado. E o fundamental para uma pauta que visa ao entendimento diverso dos fragmentos da realidade vivenciada é, de acordo com Lima (2009), a noção de que há um conflito transmitido na mensagem jornalística. Conflito é a voz que cada um tem, emanando ideias e verdades para aquilo que se vê ou se entende.

A pauta é o primeiro passo para a produção de uma reportagem de qualidade. A elaboração deve ser feita de modo que ofereça no futuro um material com conteúdo amplo, informações claras e bem apuradas para que o público possa entender os lados da questão apresentada. Se uma pauta for mal preparada, o produto também enfrentará problemas, especialmente da ótica jornalística.

O livro-reportagem tem liberdade temática, como propõe Lima (2009), já que o assunto e o enfoque são flexíveis, sem necessidade de ser algo que a imprensa cotidiana abordaria. Talvez o tema do livro nem mesmo interesse à abordagem do jornalismo cotidiano, o que dá mais força para que ele se constitua enquanto gênero. A mesma liberdade se dá no ponto de vista do relato, na escolha das fontes e no recorte de tempo. O livro-reportagem dá ao jornalista autonomia sobre seus processos, uma marca única sobre aquele texto.

Uma das características mais marcantes do livro como veículo jornalístico é o mergulho profundo nos fatos, personagens, situações. Subentende-se que esse tipo de reportagem tem sempre a pretensão inequívoca de esgotar um assunto ou ao menos chegar muito perto disso. (BELO, 2006, p. 42).

A entrevista é parte importante na formulação da narrativa do livro. Entretanto, na proposta do trabalho de mestrado, a entrevista é tão relevante quanto a pesquisa documental, em razão do caráter histórico do tema envolvido. Neste mestrado profissional, as fontes entrevistadas para o livro-reportagem são essenciais devido à relação íntima com a imprensa de Uberlândia. São fontes que vivenciaram diretamente o dia-a-dia dos jornais locais, principalmente o *Correio de Uberlândia* e, portanto, têm seu valor histórico e jornalístico. Por meio das entrevistas conseguimos seguir vestígios numa relação que aproxima passado e presente em versões delineiam um caminho repleto de descobertas e possibilidades, proporcionando mais interesse e credibilidade ao leitor.

Ao entrevistar Fernando Morais para fundamentar a seleção de entrevistados a um livro reportagem, Prizibiski (2007) relata a necessidade de fontes que tenham sido testemunhas de fatos significativas e que, ao mesmo tempo, também sejam personagens atrativos para o tema e para o leitor.

(...) a escolha dos assuntos e personagens que serão trabalhados segue algumas premissas básicas, como possuir um certo ineditismo, ser interessante e saboroso, ou seja, o personagem só é escolhido se ele for agente ou testemunha de episódios saborosos. Segundo ele, a escolha acontece de forma natural, já que, tendo sempre este olhar sobre a história, principalmente a do Brasil, Morais "esbarra" com muitos personagens que ele julga interessantes e que despertam nele o interesse em aprofundar o conhecimento sobre o assunto na forma de livro. (PRIZIBISCKI, 2007, p. 5)

É por meio dela que o autor pode construir seu relato com uma aproximação maior do tema e do leitor. Na concepção de Lima (2009), a entrevista, por ser mais densa para o livro-reportagem, dispõe de particularidades que, além de mais informação, revela vozes que agregam na interpretação das múltiplas faces da realidade. Por buscar essencialmente a compreensão, as entrevistas trazem vida ao texto e seduzem o leitor, inclusive pelas emoções. Quando se busca aplicar as memórias dos entrevistados, insere-se no texto um resgate de experiências que auxiliam na compreensão da realidade observada. A escolha rompe com uma análise seca, pois é atribuído ao relato o tom humanizado daqueles que estão intimamente relacionados com os fatos.

Todavia, muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama,

esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. (LIMA, 2009, p. 107).

A narrativa jornalística precisa de fruição e conduzir o leitor a momentos de interesse, emoção, ansiedade, curiosidade, tristeza e prazer. É uma narrativa que adere a propriedades artísticas e que deve ter sempre nos seus traços o objetivo de levar o leitor à reflexão. O movimento do texto deve primar indelevelmente para a compreensão, embora as conclusões devam estar abertas, e não prontas.

Ao se tratar de um tema histórico para o livro-reportagem, percebe-se que o estudo do passado é um modo de dar significado ao presente. Por isso, revirar o que aconteceu não é simplesmente entender o tempo que se foi com suas circunstâncias e lugares sociais, mas também compreender e formular questões sobre o tempo atual. É de certa forma buscar sentido para aquilo que existe. A reconstrução de um período histórico anterior é o caminho para entender os processos externos e internos das transformações dos lugares e das pessoas.

O aspecto de longa duração faz do livro-reportagem um estilo jornalístico que proporciona efeitos mais eficazes no âmbito da sociedade. Diferentemente da escrita historiográfica, que tem sua leitura restrita quando se trata de público, o livro-reportagem dosa o uso dos documentos com as entrevistas e outros elementos atraentes a um público mais amplo. De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2009), a historiografia resultante das perspectivas positivistas abandonou o caráter literário e tornou-se um produto distante do alcance das pessoas.

4.2 História da Imprensa no Brasil

4.2.1 A imprensa antes da América

A abordagem deste capítulo reflete sobre o surgimento da imprensa no Brasil e quais os contextos que consolidaram o jornalismo no país. Entender esses fatos é fundamental para encontrar os pontos em comum entre esse contexto geral e o local.

Apesar das controvérsias apontarem para um surgimento da imprensa no Oriente, as conclusões mais sólidas demonstram que as impressões literárias exclusivamente voltadas à

impressão foram frutos ocidentais. José Marques de Melo, no livro *Sociologia da Imprensa Brasileira* toma por base que a imprensa nasceu na Europa – e não na China, como sugerem alguns pesquisadores – como consequência de vários fatos e circunstâncias históricas, a exemplo do desenvolvimento comercial, expansão das cidades, surgimento das universidades e formação de uma nova elite intelectual, processos que se iniciam quando a estrutura social medieval começa a recrudescer.

A ida para as cidades representava o fim do laço de servidão e o início da liberdade, nos quais os comerciantes poderiam ter propriedades e crescer economicamente. Para melhorar o processo mercantil, as técnicas foram sendo aperfeiçoadas, bem como o conhecimento em vários âmbitos. Com isso foram surgindo as escolas leigas para que os filhos dos comerciantes pudessem aprender ainda mais sobre o segmento e a burocracia (cobradores de impostos, atos judiciários e registros públicos, etc.). Logo, surgiram as universidades, que influenciaram o surgimento do mercado editorial, que logo colaborou com o desenvolvimento intelectual da época. Esse cenário repleto de situações inter-relacionadas foi preponderante ao aparecimento da imprensa na Europa, o que para Melo foi na verdade uma necessidade social. A imprensa atendia aos interesses da embrionária burguesia comercial e industrial, das administrações das cidades, da igreja, das instituições e também da população como um todo.

Como homens livres, os habitantes das cidades encontram ambiente favorável para exercitar o seu gênio inventivo, cortando as amarras seculares que os vinculavam à ignorância e ao conformismo. No afã de obter ascensão social e econômica, melhoraram a sua produção, quantitativa e qualitativamente, encontrando novos métodos, buscando aperfeiçoar as técnicas já existentes, e experimentando as criações obtidas de outros povos. (...) O homem medieval, sobretudo o comerciante, procura desenvolver as suas habilidades intelectuais, dedicando-se ao estudo da escrita, da numeração da geografia, buscando assim instrumentos adequados para ampliar as atividades mercantis. Surgem as escolas leigas, fundadas por ricos comerciantes, com a finalidade de oferecer, aos jovens, oportunidades de adestramento para o comércio ou a burocracia. (MELO, 1973, p. 32-33).

A libertação do pensamento do ser humano após a época medieval tem relação direta com a imprensa. A amplitude de publicações das obras facilitou o acesso ao conhecimento e resultou no chamado espírito de crítica. A imprensa possibilitou que a razão se sobrepusesse à tradição e auxiliou a sociedade da época a obter a força necessária para sair da zona de dominação. José Marques de Melo (1973) associa esse exercício da razão ao individualismo,

um dos fenômenos tidos como consequência da imprensa por Marshall McLuhan. É o individualismo, segundo o autor que “fomentaria o espírito de pesquisa e levaria à dúvida e à contestação” (MELO, 1973, p. 49). O espírito de crítica derrubou o poder da igreja e ainda resultou no desenvolvimento do protestantismo e de algumas revoluções, como a Francesa e a Norte-Americana.

A título de explicação, o individualismo enquanto consequência direta da imprensa se refere à impressão de livros individuais e em formatos mais práticos para a leitura e o transporte. Segundo Marques de Melo (1973), antes, as leituras eram feitas coletivamente, num ambiente de reflexão conjunto enquanto se lia o manuscrito em voz alta. O manuscrito, por seu formato pesado, diferenciado e único era lido desta forma. Com os livros a memorização e a reflexão não seriam mais rivalizadas. Agora o processo de leitura permitia essas duas ações de maneira isolada, o que até então era privilégio de poucos, a exemplo dos monges.

Marques de Melo (1973) destaca que com o desbravamento de novos territórios no século XVI, a dominação dos chamados países periféricos pelos europeus contou com grande relevância do papel da imprensa. Além da disseminação religiosa como subterfúgio para conquistar essas terras, a imprensa foi primordial, enquanto forte vigor patriótico dos dominadores, para sobrepor a cultura europeia sobre a dos povos conquistados. Aos poucos, os europeus foram minando essas culturas com suas línguas nacionais, religião e literatura, causando dependência dos dominados em relação aos conquistadores, visto que a cultura deles foi enfraquecida.

Assinala-se, portanto, a diversidade de função que a imprensa teria nos territórios coloniais, comparando ao papel desempenhado nas metrópoles. Na Europa, a imprensa significou um elemento imprescindível à sedimentação do espírito nacional e à formação da própria nacionalidade, do ponto de vista político e cultural, com a fixação, sobretudo, dos idiomas vernáculos. Enquanto isso, nas áreas periféricas, ela seria empregada para objetivos opostos: ajudaria a impor os valores dos conquistadores, esmagando as culturas autóctones. (MELO, 1973, p. 56).

Marques de Melo (1973) explica que em alguns países asiáticos e africanos o idioma utilizado nos jornais era o inglês o que, inclusive, até pouco tempo, continuava a ocorrer em alguns locais da África. Isso mostra a influência dos europeus na conquista dos territórios, na implementação da língua britânica, por exemplo, como sobreposta às línguas locais na escrita dos jornais e impressões dos governos.

Nas Américas inglesa, espanhola e portuguesa verifica-se um lapso temporal vultoso no que concerne à implantação da imprensa nos territórios colonizados. Após a ocupação de fato das áreas, os registros históricos apontam que nas colônias espanholas a implementação da imprensa se deu em 1533, 14 anos após o início da colonização; na inglesa, em 1620, 18 anos após a chegada dos colonizadores; e, na portuguesa, 276 anos após 1532.

O fenômeno exibido acima é analisado por Marques de Melo (1973) sob a luz dos processos colonialistas específicos de cada nação. No que tange aos espanhóis e ingleses, a imprensa foi adotada comparativamente mais rápido do que na portuguesa devido ao formato de dominação assumido por tais governos. De modo a povoar as áreas descobertas, os espanhóis se depararam com civilizações culturalmente mais avançadas e que já se estruturavam semelhantemente às cidades do Velho Continente. Eles também tinham em si instintos urbanos e sentiam que era necessária tal afirmação no Novo Mundo, o qual os fascinava. Já os ingleses, que se depararam com civilizações em estágios considerados inferiores, entendiam a urbanização como exigência natural da colonização e também para colaborar auxiliar nas necessidades das tarefas do campo. Os ingleses que se mudaram para a América queriam, para ratificar a chance de vida melhor, ter locais para escoar a produção e se abastecerem do básico para a vida normal. Logo, a imprensa era essencial na dinâmica administrativa dos novos núcleos urbanos que consistiam de instituições e atividades burocráticas, como fisco e justiça.

O surgimento do jornalismo nas colônias é atrelado, de acordo com Marques de Melo (1973), à abolição da censura prévia que dominou as publicações a partir do século XVI. Quando os movimentos emancipacionistas ganham corpo e a censura é encerrada, as impressões passam a ser feitas em intensidade cada vez maior. Embora em muitos países colonizados, o jornalismo tenha nascido de publicações governistas, como no Brasil.

4.2.2 A imprensa chega ao Brasil

A história da imprensa brasileira e a história do Brasil estão ligadas e uma depende da outra. Na transição da colônia para o Império, a imprensa foi participante do processo. Imprensa e poder têm para as autoras Martins e De Luca (2015) uma relação forte, bem como as críticas e dependência entre esses dois elementos.

Como pode ser visto em Martins e De Luca (2015), as inovações chegavam com grande defasagem nas Américas em relação a quando surgiam na Europa. O mesmo se deu com as impressões e, posteriormente, a imprensa, cuja origem é estimada por volta do século XVII. Já no Brasil, isso se deu em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro. A imprensa era submetida à censura do poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e da igreja (Santo Ofício). As obras passavam por análise religiosa, política e moral para que pudessem (ou não) ser publicadas. Ainda assim, de acordo com as autoras, as impressões no Brasil já aconteciam antes dessa data, com obras sobre agricultura, medicina, botânica, relatos de viagem, gramáticas, panfletos relatando festejos e acontecimentos.

A chegada da Coroa ao Brasil representou mudanças consideráveis na estrutura da colônia. Na concepção de Marques de Melo (1973), até então, o Brasil era atrasado e limitado em relação ao estágio das cidades europeias do qual a Coroa estava acostumada. Não havia no território condições necessárias para a estadia da família real morar e conduzir a governança do reino. Logo, foi preciso organizar os portos, a atividade industrial e criar instituições essenciais à administração e à burocracia, como bancos, justiça, academia e, nesse pacote, a imprensa. Com a mudança da Corte do rei D. João VI para a colônia, as iniciativas tomaram outro rumo. Foi necessário que o país passasse a fabricar produtos, visto que a França tinha invadido Portugal; os atos do governo também precisavam ser impressos (Imprensa Régia), logo, a imprensa precisou ser implantada no Brasil. As mudanças de costumes da colônia se iniciaram, portanto, a partir de 1808 com a presença da família real no país. Os novos costumes tiveram importante influência na independência do Brasil, 14 anos após a chegada da Coroa.

Para entender o contexto do nascimento dessa imprensa no Brasil, é necessário olhar um pouco mais atrás. O século XV foi marcado pelo surgimento da tecnologia de impressão e êxtase da classe política com a novidade. Em contrapartida, os dois séculos seguintes foram marcados pela censura. O controle começou com a Igreja, que estava insatisfeita com o comportamento questionador dos ideais doutrinários. Sem tardar, os governos adotaram a mesma iniciativa e passaram a proibir a publicação de obras e a restringir os tipógrafos e impressores para coibir a divulgação de ideias que pudessem vir a fragilizar os regimes absolutistas. O controle voraz da imprensa é o agente principal que atrasou o nascimento do jornalismo enquanto processo de comunicação coletiva, segundo Melo (1973). O autor ainda reitera que, devido à ligação com o governo e ao crivo da censura prévia, as publicações periódicas (criadas no século XVII) não tiveram êxito para se consolidarem como veículos de

informação popular e ainda perdiam em alcance e força para as publicações clandestinas (gazetas e pasquins).

A imprensa no Brasil nasce marcada por essas experiências. Martins e De Luca (2015) afirmam que, além do contexto de transformações do país, contribuíram para o surgimento da imprensa a tradição de atividades impressas que o Brasil absorveu de Portugal. Ofícios, leituras em voz alta e a forte opinião pública no século XVIII são elementos que exerciam relação muito próxima com a imprensa e que possibilitaram seu florescimento.

Os instrumentos de impressão vieram de Portugal e Dom João VI publicou um decreto para normatizar a imprensa e sua função no território brasileiro, constituindo a Imprensa Régia, em maio de 1808. O emprego primeiro da imprensa é a impressão das leis e impressos oficiais, explicam Martins e De Luca (2015), mas com a nova vida na qual a colônia teve de se inserir, a imprensa também precisava ser liberada para novas funções. Os fatos procedentes do bloqueio continental e o desenrolar das ações de Napoleão Bonaparte deveriam ser informados ao Reino, agora sediado no Brasil. A imprensa ainda era fundamental na publicação de livros e às atividades das escolas superiores e instituições culturais criadas nessa mudança.

As publicações oficiais também se faziam em avisos e folhinhas com instruções à população. Dessas produções nasce a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808, indicada por alguns estudiosos como o primeiro jornal em solo brasileiro³. A impressão no Brasil deveria passar pelo crivo da censura prévia o que coibia publicações de grande teor político. A maioria era de atos oficiais, discursos, proclamações e materiais burocráticos. O cenário só tomou outro rumo a partir da abolição da censura, quando se deu a Revolução do Porto, em 1820.

Martins e De Luca (2015) apontam que a opinião pública tornou-se um recurso para legitimar posições políticas e surge no Brasil no início do século XIX através dos papéis impressos. A revolução constitucionalista que tomou Portugal, enquanto D. João VI estava no Brasil, fez surgir um decreto de liberdade de imprensa válido também no território brasileiro, pois cinco anos antes o Brasil havia sido elevado a Reino Unido e deixado de ser apenas uma colônia. A iniciativa foi da Junta de Governo da Revolução, em 21 de setembro de 1820.

³ Há discordâncias quanto a isso. Alguns estudiosos apontam que o *Correio Braziliense*, mesmo sendo produzido em Londres, deveria ser considerado o precursor. Outros autores reforçam que o teor dessas publicações não se enquadram no estilo jornalístico, descartando ambas. Como essa não é a proposta do trabalho, a menção foi feita apenas a título de complementação da argumentação.

Nesse cenário, D. João VI via o seu poder dividido e cada vez mais o medo de perder espaço tomava conta da corte portuguesa. Com isso, em 2 de março de 1821, em decisão tardia, a liberdade de imprensa seria decretada oficialmente no Brasil com a suspensão provisória da censura prévia. Mas aí, os impressos já estavam circulando livremente e era algo difícil de interromper diante de tal cenário.

4.2.3 A chegada tardia da imprensa

Os argumentos mais comuns a respeito do retardamento da chegada da imprensa no Brasil não apresentam base em documentação e as afirmações são vagas devido à falta de sustentação. Para Marques de Melo (1973), esses argumentos apontam que Portugal tinha medo da população na colônia obter conhecimento e buscar a independência da metrópole ou que Portugal gostaria de manter o Brasil afastado do progresso com vistas a reforçar a dependência do país europeu.

Primeiramente, manter a população analfabeta e iletrada era uma ideia que não parece coerente com a atuação portuguesa no Oriente, onde os portugueses viam a imprensa como importante meio de manter a submissão dos povos com as ações missionárias. Outra análise feita por Marques de Melo (1973) que derruba a argumentação sobre o desejo de manter a colônia atrasada em sua estrutura é a inexistência de documentação que embasa essa crítica. Não houve, por parte do Reino, dispositivos legais que proibissem a instalação de tipografias na colônia. Na verdade, as legislações do período visavam a evitar a existência dessa tecnologia por meios clandestinos, ou seja, que não eram autorizados pelo governo.

A predominância do analfabetismo vale tanto para a colônia quanto para a metrópole, visto que a maioria da população lusitana era analfabeta. Saber ler e escrever era um privilégio de poucos, de clérigos, alto escalão administrativo e alguns membros da Corte. Ainda de acordo com Marques de Melo (1973), na colônia, como a principal massa populacional que imigrou para ocupar as terras era de trabalhadores do campo, o nível cultural era demasiado baixo para requerer as necessidades da imprensa. A cultura era oral e tal meio era a melhor forma de atrofiar a cultura dos índios e destacar a dos europeus. A formação de escolas na colônia era baixa e atendia apenas o primeiro e o segundo ano primário. Não havia necessidade de se ter no Brasil bibliotecas, universidades e demais escolas, uma vez que o

hábito da leitura não havia se desenvolvido. Era ínfima a quantidade de leitores para uma cara implantação de tipografias. No final, seria um equipamento inutilizado, pois na prática, era melhor trazer as obras e Portugal do que investir na, praticamente, analfabeta colônia.

O curioso é que Portugal inviabilizava o ensino no próprio país, de modo que o analfabetismo fosse amplo em sua população. Os estudos de Marques de Melo (1973) assinalam que a dependência econômica portuguesa em relação aos britânicos isolou ainda mais a colônia em um estado de pobreza e atraso cultural. Não se investia em escolas no Brasil, ao contrário da Espanha que já havia implantado mais de 20 universidades em seus domínios americanos. Ao contrário das nações industrializadas, Portugal e suas conquistas amargavam as consequências do atraso no analfabetismo. Além disso, os materiais de imprensa eram ruins e obsoletos em relação às potências europeias da época.

Na análise de Lustosa (2004), enquanto colônia portuguesa, o Brasil era proibido de ter letras impressas. Tentou-se estabelecer tipografias, mas essas tentativas até 1808 foram barradas pelas autoridades portuguesas. Com medo de perder o Brasil e todo o potencial de riqueza que o país representava para a metrópole europeia, Portugal não permitia imprensa, universidade nem fábrica no território brasileiro, o que fez do Brasil diferente de outras colônias na América Latina.

Em *Sociologia da Imprensa Brasileira*, José Marques Melo (1973) entende que um boicote à instalação e desenvolvimento da imprensa nas terras da colônia como receio de uma potencial emancipação política seria uma análise frágil por se tratar de possibilidade de consequências. Já, a crítica a Werneck Sodré (1994)⁴ – autor que avalia esse fato à luz dos elementos capitalistas, escravidão e ausência de burguesia –, aponta que ele aprofundou nas causas para a América Portuguesa, quando ele destaca a força do sistema escravocrata e a ausência de capitalismo, pois Sodré afirma que a imprensa se desenvolveu onde o capitalismo crescia. E quando se referia às Américas espanhola e inglesa, Melo (1973) contrapõe Sodré (1994) ao afirmar que este se baseava nos efeitos de imposição da cultura da metrópole sobre a nativa. Tais análises, são válidas, porém frágeis, segundo Melo (1973).

Marques de Melo explica ainda que o atraso da imprensa no país se deve a questões econômicas, na medida em que “os custos de impressão seriam maiores na colônia que no Reino” (MELO, 1973, p. 98), a edição seria lenta por depender de permissões da Inquisição e

⁴ Na obra de Marques de Melos (1973), a crítica a Werneck Sodré se dá na edição de 1966, porém, a edição que serviu de referência bibliográfica para o presente relatório foi a de 1994.

do Conselho Ultramarino. Logo, tais fatores beneficiariam que o processo de impressão se realizasse em Portugal.

Essa interpretação encontra amparo na diretriz seguida pelo governo português, e, de resto, por todos os países colonizadores, evitando a existência de atividades industriais nas colônias. Isso significa uma defesa dos interesses metropolitanos, assegurando o privilégio das iniciativas manufatureiras para as regiões europeias e reservando aos territórios ultramarinos o papel de consumidores dos produtos industriais do Reino. Se isso ocorreu no setor da indústria têxtil e em outros setores básicos da atividade colonial, não seria difícil que o mesmo princípio fosse seguido na esfera cultural, certamente considerado um luxo naquela ocasião. (MELO, 1973, p. 98-99).

Outro fator levantado pelo autor é o reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos. Tanto em Portugal quanto na colônia tudo aquilo que era publicado ou importado deveria passar pelo crivo da censura. Grande colaborador das inovações marítimas, Portugal ficou atrasado em pleno período renascentista por impedir que os conhecimentos científicos e filosóficos tomassem dimensão em seus territórios. A censura, que era parte proveniente da Igreja Católica e parte estatal fez com que a metrópole não buscasse o próprio desenvolvimento.

Oscar Pilagallo (2012) destaca que havia uma contradição entre as leis e a prática no que tange à liberdade de manifestação de ideias no Brasil Império. A dinâmica social e suas transformações não eram retratadas pela imprensa. Essa situação ficou diferente apenas a partir de 1820, com a Revolução do Porto, desencadeada em Portugal. As ideias liberais que formavam o pensamento dos insurgentes vencedores resultaram em um decreto que abolia a censura prévia. A liberdade perdurou ainda nos anos de D. Pedro I, que apesar de defender esse princípio como aliado da nação que se queria construir, instaurou alguns limites ao que deveria ser escrito, principalmente no tocante à crítica da religião e do governo.

Desde 1824, o Brasil gozava, oficialmente, de plena liberdade de imprensa e de opinião, garantida pela Constituição, uma das mais avançadas do mundo em termos de proteção dos direitos civis. Na prática, porém, nem sempre os jornalistas podiam expressar suas ideias. A censura ressurgia em momentos de maior tensão, e a repressão e a violência faziam parte da vida pública, como sentiram na própria pele Líbero Badaró, Cipriano Barata, que passou preso grande parte do Primeiro Reinado, e Tobias de Aguiar. (PILAGALLO, 2012, p. 31)

Apesar de Pilagallo afirmar que os jornais e os jornalistas não configuram um protagonismo decisivo na direção tomada por um país, é inegável a força da imprensa ao

longo da história do Brasil. Em 1829, o italiano Líbero Badaró lançou seu jornal (*Observador Constitucional*), que propagava também os ideais liberais. A elite responsável por escrever no periódico influenciou a política regional e nacional ao abordar os casos de sucesso que envolviam a ideologia liberal. Uma das histórias foi a deposição do rei francês Carlos X e a ascensão de Filipe Luís ao trono. Ou seja, a queda de um conservador e a ascensão de um liberal. Dom Pedro I precisava, assim, mudar sua forma de condução da política no Brasil imperial.

Um dos principais jornais brasileiros, *O Estado de S. Paulo* nasceu em 1875 como *A Província de S. Paulo*, na tentativa frustrada de intelectuais republicanos fecharem a negociação com o mais tradicional e consolidado jornal da época: o *Correio Paulistano*. Apesar de ter o espírito republicano em sua cúpula, *A Província* não mostrava esse anseio abertamente e, até mesmo, escrevia críticas ao abolicionismo. O periódico tentava ao máximo se apresentar imparcial e conquistou receitas com vendas e anúncios (inclusive de portugueses que haviam abandonado o jornal por causa dessa inclinação republicana). Assim que caiu o império, em 15 de novembro de 1889, a capa do jornal escancara um “Viva a República” e, pouco tempo depois, altera o nome de *Província* para *Estado*. Já o *Correio Paulistano* mostrava abertamente o lado que defendia. Porém, a cada momento as tendências de ideais mudavam.

4.2.4 Reflexões sobre a imprensa de Uberlândia

Mesmo com a mudança de governo, do Império para a República, o traçado da imprensa era o mesmo. Nada de grandes jornais aparecerem, aponta Sodré (1999), mas a cena política do Brasil mostrava que a diversidade de jornais estava se acendendo cada vez mais. Alguns não duravam muito tempo, outros sobreviviam por alguns anos; o importante era que escrever, fosse para angariar mais anúncios e aumentar o valor deles de acordo com a popularidade do jornal, fosse para emitir a opinião das causas defendidas, o Brasil ainda assim seguia no desenvolvimento de sua imprensa. Comum mesmo era surgirem pequenos jornais de acordo com o momento e as ocorrências com o intuito de posicionar ou apoiar, dependendo da tendência do redator à causa. Os grandes jornais eram os mesmos ainda do

Brasil imperial, com exceção do *Jornal do Brasil*, fundado em 1981, que logo se tornaria um dos maiores do país.

No estudo de Werneck Sodré (1999) existe uma grande diferença entre a imprensa do interior para as capitais, sendo esta última, majoritariamente retratada nos estudos sobre história da imprensa. Os jornais interioranos ainda existiam na fase artesanal, feitos em processos rudimentares de impressão, poucas folhas, com conteúdos baseados nas causas próprias. Nas capitais, a imprensa seguia para a fase industrial, em que os jornais atuavam enquanto empresas, visando os lucros da publicidade e caracterizados pela divisão do trabalho, enquanto no interior o redator participava de praticamente todo o processo. O jornalismo se consolidou em sua forma na passagem do século e, apesar de um cenário semelhante, define-se a transição da pequena para a grande imprensa. As redações mudam no caráter técnico e tecnológico, com estruturas empresariais, novas dinâmicas de produção, circulação e distribuição, o que mexeu também na relação dos jornais com seu público (anunciantes e leitores). A imprensa acompanhou o desenvolvimento do capitalismo, se modificou junto com as transformações sociais, políticas e, principalmente econômicas do país. O jornal aventureiro e individual passa a existir apenas nas pequenas cidades. Na cena política, que se destaca cada vez mais, a condição de criar um jornal torna-se mais difícil. Mais fácil é adquirir um jornal já existente ou, até mesmo, pagar pela opinião do veículo.

Mas a imprensa estava também consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servido às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para esse tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendia-se informação como se vendia qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão. (SODRÉ, 1999, p. 275)

Em Uberlândia, a imprensa chega no ano de 1896, com o semanário *A Reforma*, oito anos após a criação do município, que então se chamava São Pedro de Uberabinha. Com tipografia oriunda da vizinha Uberaba, o jornal tinha como base os ideários republicanos, textos longos que vinham da tradição francesa. Nesta época, os jornais que vieram a surgir, como o *Gazeta de Uberabinha*, *Cidade de Uberabinha*, *A Semana*, *O Progresso* mostravam claramente que o ofício do jornalista encontrava-se num embate robusto com a literatura. Os dois estilos são contrapostos nos séculos XIX e XX e tornam-se antítese para muitos escritores. As linguagens destoantes entre um e outro campo eram motivos de críticas dos

letrados, em razão da linguagem diferente utilizada. Mas muitos escritores cederam a trabalhar nos jornais, visto que o trabalho na imprensa remunerava os letrados, num país que não pagava bem os autores de livros. Além disso, a imprensa também era um meio eficiente para tornar-se mais conhecido e obter mais popularidade. Escritores renomados, fosse no Brasil, como Lima Barreto, e até mesmo na França, a exemplo de Balzac, criticavam a prática daqueles que escreviam para os jornais. Para eles, o jornalismo empobrecia a escrita, era algo raso, curto, sem profundidade e sem impacto. O jornalismo era visto pelos defensores da literatura como uma mercantilização das palavras, ou seja, era um desvio do literato para ganhar dinheiro e notoriedade. Como contraponto, outros intelectuais citados por Regma Maria dos Santos (2005) discordavam dessa teoria, vendo qualidade textual e características diferentes, porém relevantes, nos dois estilos. A polêmica era às vezes combatida com aqueles que utilizavam do hibridismo dos dois estilos para criar um texto, eliminando a ânsia por indicar a qual gênero o jornal e a literatura pertencem. Como argumentação pró-imprensa, Santos (2005) destaca as características positivas as quais não eram ressaltadas pelos críticos, sendo a rapidez da duração enquanto o ponto que mais pesava para a crítica. Mas esse fugacidade da crônica é também positiva e justificável dentro da atribuição jornalística, em razão dos fatos imediatos e da contemporaneidade da narrativa.

Uma das alegações mais comuns encontradas para a negação da crônica enquanto gênero “nobre” é sua efemeridade, o que é inclusive apontado por Lycídio Paes. No entanto, não podemos vincular a produção jornalística meramente ao tempo breve e passageiro. Percebemos que múltiplas temporalidades ali expressam-se e revelam, paradoxalmente, uma certeza do fim, mas, também, um desejo de querer durar, que se fixa não apenas nas “profecias” ou “expectativas do devir”, mas também num diálogo com a memória e com a história. (SANTOS, 2005, p. 106)

Embora o jornalismo sempre defendesse a imparcialidade, Santos (2005) ratifica que a imprensa é inevitavelmente um meio de apresentar tensões e conflitos. Especialmente nos jornais do início a meados do século XX, em que o teor doutrinário prevalecia sobre a informação, o que por muitas vezes levava a casos de violências físicas e simbólicas (esta última por meio da censura e intimidação dos intelectuais). Quanto mais denúncias e críticas expunham os jornais, mais tensões eram criadas, especialmente nas cidades interioranas. Nesses municípios, como era o caso de Uberlândia, ainda sobressaía a figura do coronel, que tinha o poder de decisão, e fazia o enfrentamento aos jornalistas que questionavam os temas políticos e as ações comuns à classe política. A violência contra a imprensa se deu tanto no

que concerne à agressão a jornalistas quanto à coibição de seu ofício. Ao longo do século XX, a estrutura de poder do coronelismo – predominante na República Velha (1889-1930) –, as ditaduras varguista e militar foram regimes que exerceram condutas, cada qual com sua intensidade, e dispunham de mecanismos autoritários para impedir a livre expressão aos veículos de imprensa. De forma mais objetiva, censuravam – ou tentavam – o conteúdo das publicações. Em alguns casos, a censura era feita por ameaças e intimidações ao jornalista em razão de textos já tornados públicos e que não agradavam às classes dominantes, especialmente no trato com a ideologia política.

No governo Vargas em 1936, as dúvidas e incertezas que povoam a mente do cronista são resultado de uma situação política que caminha para o cerceamento da liberdade de expressão. Lycídio Paes escreve sobre a convocação do delegado militar da cidade de todos os jornalistas. A ordem era para que a polícia fizesse indistintamente censura aos jornais locais no que diz respeito às eleições de 7 de junho, evitando ofensas pessoais e excesso de linguagem. Comenta Lycídio Paes que a autoridade policial esclareceu que não era de sua intenção cercear o direito de propaganda política, mas evitar a exacerbação dos ânimos que pudesse ser motivada por artigos da imprensa. (SANTOS, 2005, p. 187)

Santos (2005) afirma que os grandes jornais das capitais tinham necessidade de trazer melhores equipamentos para a impressão. Os prelos importados substituíam os obsoletos. Esses eram então vendidos para o interior, que precisava imprimir os jornais pequenos com poucas folhas e exemplares em quantidade bem pequena. A imprensa interiorana é composta por jornalistas que, majoritariamente, não são formados em curso superior. Além de recursos escassos, praticamente não dar lucros, o jornal do interior exigia de seu principal profissional exercer uma outra profissão, bem como conhecer todas as etapas da produção da notícia, desde a tipografia à redação.

A passagem do jornal doutrinário para o informativo se dá por um processo gradual, como aponta Santos (2005). Nas décadas de 1960 e 1970 percebe-se a consolidação dessa passagem, que teve o peso da censura como fator preponderante, conduta potencializada na ditadura militar. É o que a autora entende como alteração de sentido no intento dos jornais: antes, detentores de um propósito; agora, prestadores de serviço.

No jornal, a visão empresarial passa a predominar sobre o aspecto político-partidário e romântico do jornalismo doutrinário, tanto com relação a uma maior complexidade na divisão do trabalho, como em relação às exigências de qualificação. O jornalismo perde o sentido de

ter uma missão a cumprir e passa a ter o objetivo de prestar serviço ao leitor, satisfazendo seus interesses. (SANTOS, 2005, p. 196)

Em uma análise para a nova edição de seu clássico *História da Imprensa no Brasil* (1999), Nelson Werneck Sodré reforça o argumento de que a imprensa nasceu com o capitalismo e seguiu esse acompanhamento. Após todo esse tempo até o final do século XX, percebe-se no Brasil que muitos jornais centenários deixaram de existir e que nenhum outro grande jornal apareceu. Os grandes ainda são os tradicionais e que estão sobrevivendo. Para Sodré, a imprensa e os meios de massa possuem uma relação fortemente conectada e, no desenrolar do século passado, é inegável que a imprensa impulsionou esses meios, como foi o caso do rádio e da televisão, que ocasionou em muitos casos a formação de conglomerados que reuniam em seu portfólio revistas e jornais também.

Os jornais se tornaram, portanto, empresas capitalistas e que necessitam de investimentos. A evolução tecnológica é um passo que precisava ser tomado e exigiu aplicações vultuosas das empresas jornalísticas, o que deixou a situação financeira delas ainda mais delicadas. Para Santos (2005), o surgimento de novos jornais na segunda metade do século XX, como *Diário da Manhã* (GO), *O Rio Branco* (AC), e *Correio do Estado* (MS), é raro devido às condições às quais os meios de comunicação de massa incorporaram, puxando também a imprensa, às vezes, até mesmo, abarcando-a no processo. Os oligopólios impõem dificuldades na criação de novos jornais. Ainda que os idealizadores tenham criatividade e condição de fazer um novo jornal, eles desistem devido a empecilhos desse mercado.

A função da imprensa, para Sodré (1999), em uma sociedade capitalista substitui em boa parte do mundo o uso da força militar. A imprensa trabalha pelo convencimento através da publicidade. A transformação da imprensa durante o século XIX e XX é notável. Antes, a imprensa tida como produção artesanal tinha como foco a opinião dos leitores e divulgação das mesmas. Na dependência do mercado, a imprensa industrial, que veio na etapa posterior, teve sua sobrevivência atrelada à publicidade. Ela vivia de anúncios. Para Sodré (1999), a imprensa atual além da publicidade ter espaço no jornal, o veículo promove a opinião de acordo com seus patrocinadores, em vez de refletir aquilo que os leitores pensam.

Da mesma forma como analisado por alguns autores sobre os caminhos do jornalismo no século XXI, no Brasil não foi diferente. A especialização foi um dos rumos tomados pela imprensa brasileira, como cita Sodré (1999). No final do século XX se percebe a quantidade reduzida de grandes jornais e o domínio desses existentes é de poucas grandes empresas.

O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e sua concentração urbana; paralelamente, a produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias. (SODRÉ, 1999, p. 3)

Uberlândia teve mais de 60 títulos de jornais ao longo de sua história. As publicações traziam em seus nomes muito daquilo que era considerada sua linha editorial e, acima de tudo, era uma tribuna para aqueles que queriam ver sua mensagem circular, tanto nas páginas dos jornais quanto na boca da sociedade. Nesse aspecto é mais fácil compreender os porquês dos títulos nos seguintes exemplos: *O Reflexo*, *A Reação*, *Voz Central*, *Diário de Uberlândia*, *O Repórter*, *Tribuna*, *O Bandeirante*, *O Binóculo*, *O Commercio* e *Correio de Uberlândia*. Na década de 1940, as máquinas datilográficas começaram a adentrar as redações. As inovações tecnológicas, ainda em seu começo, traziam certas dificuldades, afinal, redação, tipografia e impressão não se entendiam muito bem, de acordo com a historiadora Regma Maria dos Santos (2005). Erros e neologismos eram comuns nos jornais, especialmente em algumas cidades do interior, como Uberlândia, que dispunham de pouca estrutura. O interessante é que os leitores já tinham se acostumado com os erros, apesar de alguns serem estranhos, como afirma Lycídio Paes em uma coluna, na página 4 do *Correio de Uberlândia* de 18 de dezembro de 1955. Era esse um jeito comum de se fazer imprensa no interior, embora muitos municípios não se enquadrarem nesse aspecto, pois as informações e as técnicas não se diferenciavam tanto das grandes cidades, principalmente do eixo Rio-São Paulo. Porém, a produção jornalística em Uberabinha denotava a técnica rústica, sem aparatos avançados e estrutura organizacional sistematizada, como a divisão de tarefas. Essa proposta da administração moderna, em que cada profissional tem uma função, bem como concentrar-se em uma atividade para executar em menos tempo e maior qualidade, era difícil de se praticar na imprensa interiorana. Faltavam recursos financeiros e técnicos, pouca publicidade (principal fonte de renda da imprensa, visto que a assinatura era ínfima) e pressão das autoridades. Na verdade, o jornalista do interior fazia tudo, ou quase.

Além das dificuldades naturais na decifração nas letras dos jornalistas, o tipógrafo encontra também outros entraves ao seu trabalho. As reformas ortográficas empreendidas pelo governo, como a que ocorreu no início dos anos 60, elaborada pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa, provocou um sério problema na impressão dos jornais. (SANTOS, 2005, p. 33)

O *Correio de Uberlândia* já indicava o seu potencial logo de começo. O jornal inovou na impressão. Não era apenas a datilografia que mexia na produção do *Correio*, mas também a transformação das ideias no papel. A máquina linotipo aumentava a escala de impressão devido às possibilidades da tecnologia. A *linotype* potencializava a tipografia e a explicação se dá pelo próprio nome: linha de tipos. Significa que a máquina conseguia prensar no papel uma linha completa de texto, enquanto a técnica tipográfica clássica consistia na ligação manual de tipos móveis. Segundo o inventor do linotipo, o alemão Ottmar Mergenthaler (1854-1889), a tecnologia equivalia a oito operadores manuais.

O jornal em Uberlândia passa a ter o rádio como concorrente da notícia, no ano de 1939, mas ainda assim angaria mais leitores. De acordo com Dângelo (2002), o rádio foi um símbolo de modernidade para a população.

A Difusora passava a compor um quadro de diferenciadas formas lazer e entretenimento, de informação e de espaços de sociabilidade, irradiando músicas, noticiários e propagandas comerciais para diferentes sujeitos e experiências de vida, anteriormente mediados pela presença do cinema, jornais, revistas, folhetins, folhetos de cordel, correios, telégrafo e telefone. (DÂNGELO, 2002, p. 46)

Ainda que com a existência de outros meios de informação, o jornal se consolidou como um veículo de credibilidade da informação. Ao longo do século XX, a dinâmica da sociedade leva os jornais às modificações de conteúdo e de formato. Dos artigos e textos longos, a imprensa adota redações mais curtas, transformando-se o cunho; antes doutrinário, para o então informativo. O veículo mudou o modelo de diagramação, colunas mais contraídas, mais imagens, e editorias múltiplas. E assim foi até 2016, quando o *Correio de Uberlândia* acabou, neste estilo que predomina até hoje na imprensa brasileira.

4.3 História, Memória e Jornalismo

Escrever um livro-reportagem sobre a trajetória da imprensa em Uberlândia lida inevitavelmente com três conceitos que podem trabalhar juntos e, até mesmo, se confundirem. História, memória e jornalismo são os pontos fundamentais deste capítulo. A argumentação que sustenta esse tópico leva em consideração conceitos e reflexões na construção da pesquisa

acadêmica e como podem ser usados enquanto ferramentas na análise dos objetos e situações que envolvem o tema desenvolvido.

Os jornais compõem a história a partir dos textos que narram o dia-a-dia. A memória construída é feita pela experiência das pessoas e a relação delas. Os jornais trazem vozes do cotidiano e cada pequena dimensão contribui para a escrita dessa história que segue seu processo dinâmico, e não sedimentado e acabado.

A crônica, escrita no jornal, em pleno século XX, é o lugar privilegiado do entrecruzamento do fato cotidiano e do acontecimento. Em uma sociedade da rapidez, que acopla elementos de formação cultural de diversas origens, dentre esses, os processos midiáticos, a narração do cotidiano transforma-se potencialmente em memória e história. (SANTOS, 2005, p. 108-109)

Portanto, nos jornais estão inseridas memórias de acontecimentos que, apesar de dissociadas do conceito histórico, fazem parte da construção da história. Em sua obra, Santos (2005) indica que para Lycidio Paes, jornalista uberlandense famoso no século XX, a história é edificada por interesses e os historiadores desmitificam a imagem dos heróis nacionais, como Tiradentes, D. Pedro I e Pedro Álvares Cabral. No entanto, em outro momento, Paes apresenta uma visão sóbria sobre a historiografia, ressaltando a importância do método, da busca pela verdade por meio da análise metódica dos acontecimentos.

Em princípio, como existem semelhanças que costumeiramente atrelam os dois conceitos (memória e história), é preciso estabelecer a diferença entre eles. Nesse ponto, recorreremos ao estudo do historiador francês, Jacques Le Goff (2013) para falar sobre história e memória. Ambas possuem conceitos distintos, mas que dialogam entre si. A história é uma análise crítica do passado ou um estudo do presente a partir do passado e fazê-lo depende do respaldo de teorias, metodologias, do posicionamento crítico das próprias fontes e do processo de investigação acadêmica. “Desde seu nascimento nas sociedades ocidentais [...] a ciência histórica define-se em relação a uma realidade que não é construída nem observada como na matemática, nas ciências da natureza e nas ciências da vida, mas sobre a qual se ‘indaga’, ‘se testemunha’” (LE GOFF, 2013, p. 10-11).

No texto de Le Goff (2013), compreende-se por memória o conhecimento do passado guiado pelo presente e que é feito a partir das lembranças de cada sujeito, envolvidos por fortes afeições. A partir disso o indivíduo constrói sua narrativa no intuito de dar determinado sentido a ela, ou seja, a narrativa transforma-se num discurso. Outra particularidade é a condição vulnerável aos interesses e às relações de poder que, ao contrário da história, não

passa por análises críticas e metodológicas. A memória porta julgamentos morais a respeito das lembranças que traz ou das que quer lembrar, de forma a produzir aspectos de glorificação ou mesmo de reprovação ao passado a que se refere. É uma reconstrução do passado que atende aos interesses contemporâneos; é coletiva ou compartilhada e, não necessariamente, vivenciada pela pessoa em si. Diferentemente da lembrança, que é individual e vivenciada pelo sujeito, a construção da memória se dá pela partilha de recordações, laços voltados ao passado, porém amparados nos interesses e concepções do tempo presente. Para a história, a memória é uma fonte e não a história em si mesma. Como aponta Jacques Le Goff, “a filosofia grega, nos seus maiores pensadores, não reconciliou a memória e a história, Se, em Platão e em Aristóteles, a memória é um componente da alma, não se manifesta, contudo, ao nível da sua parte intelectual, mas unicamente da sua parte sensível” (LE GOFF, 2013, p. 402). A memória é um atributo e isso implica que esteja suscetível a falhas, indefinições e reformulações contínuas. Já a história, que é a instrumentalização da memória, pode ser reformulada academicamente, no que diz respeito à verificação, pois a história pode revisitar a memória e propor perguntas diferentes.

Outra abordagem sobre o tema é feita por Paul Ricouer (2007). Para ele, a concepção da memória em razão de um interesse faz com que as narrativas adotadas nesse processo utilizem aquilo que é conveniente para a memória que se quer construir. Por essa perspectiva, pode-se inferir que o passado é seletivo e vulnerável ao presente, pois ele depende do direcionamento dado pelos sujeitos que disputam as memórias. Embora o passado não possa ser mudado, o seu sentido pode ser alterado, pois ele ganha significado a partir dos sujeitos sociais.

Os processos de construção da memória, destaca Ricouer (2007), devem ser analisados, ao passo que é fundamental verificar os atores sociais que narram. Dessa maneira, é possível compreender o que está por trás dos sentidos do passado em questão. Em razão de a memória ser necessariamente seletiva, visto que a sua totalidade é tida como impossível, o esquecimento é um conceito inseparável dela. Logo, é preciso estar atento a esse esquecimento, ou seja, àquilo que o narrador seleciona em seu discurso. Quem, o que e por que determinado elemento foi esquecido na narrativa. Para o sociólogo e filósofo francês de teoria durkheimiana, Maurice Halbwachs (2006), as memórias individuais são assinaladas socialmente. Significa que as lembranças estão ligadas à sociedade da qual o sujeito pertence e aos marcos sociais que o circundam. Eles estão abastecidos com representações de valores,

das carências, da comunidade dentre outras questões inerentes à subjetividade e ao relacionamento humano.

O arquivamento das memórias por meio da historiografia pode ter influência do que Paul Ricoeur (2007) chama de mutação historiadora do espaço e do tempo. É com isso que ele examina a memória no fazer da história, visto que a memória íntima daquilo que se viveu ou fez foi compartilhada com pessoas próximas em uma época e espaço. A consequência disso é a formação de uma memória coletiva com as vivências e tradições comuns a um grupo ou povo situados em seus lugares na história.

A mesma caracterização do documento pela interrogação que aí se aplica vale para uma categoria de documentos não-escritos, os testemunhos orais gravados, dos quais a micro-história e a história do tempo presente fazem um grande consumo. Seu papel é considerável conflito entre a memória dos sobreviventes e a história já escrita. Ora, esses testemunhos orais só se constituem em documentos depois de gravados; eles deixam então a esfera oral para entrar na da escrita, distanciando-se, assim, do papel do testemunho na conversação comum. Pode-se dizer então que a memória está arquivada, documentada. Seu objeto deixou de ser uma lembrança, no sentido próprio da palavra, ou seja, algo retido numa relação de continuidade e de apropriação com respeito a um presente de consciência. (RICOUER, 2007, p. 189).

O testemunho é o amparo no qual se busca conhecer o passado. Entender o passado, como propõe Le Goff (2013) em sua referência ao historiador Marc Bloch, é um processo dialético com o presente. Isso significa que para conhecer um, depende-se da compreensão do outro. Tudo isso se resume à ideia de história que Bloch (2001) definiu como “a ciência dos homens no tempo”.

4.3.1 Esforço de recordação e o esquecimento

Os rastros do passado permitem a compreensão do passado pelo presente e vice-versa, conforme Ricoeur (2007). Contudo, mais do que ser um rastro, os documentos (sejam eles testemunhos escritos ou não escritos ou demais fontes materiais e imateriais) só são considerados como tal devido ao fundamento base da pesquisa histórica: a indagação. Não basta apenas ser algo com teor histórico, pois o documento não é dado; ele precisa ser buscado, descoberto e questionado. Afinal, o objeto documental é limitado, mas traz consigo

algo maior do que a sua natureza em si mesma e esse algo – as informações históricas – só se revela quando as perguntas são colocadas e as respostas investigadas.

Além do mais, Ricoeur ratifica que os testemunhos inseriram uma crise na história devido à sua suspeita do real acontecimento. Não é uma questão de desconfiar da história, mas desconfiar do testemunho. Nesse sentido, a história responde o método de confrontação entre os testemunhos apresentados de modo que, a partir deles, seja construída uma narrativa plausível sobre os fatos investigados. Assim é o papel que deve assumir enquanto investigador histórico e jornalístico, na medida em que, as fontes orais são importantes na obtenção de informações. As fontes se tornam documentos e do documento se faz a história.

(...) é da confiabilidade, e, portanto, da atestação biográfica de cada testemunha considerada uma a uma que depende, em última instância, o nível médio de segurança de linguagem de uma sociedade. É contra esse fundo de confiança presumida que se destaca de maneira trágica a solidão das “testemunhas históricas” cuja experiência extraordinária mostra as limitações da capacidade de compreensão mediana, comum. Há testemunhas que jamais encontram a audiência capaz de escutá-las e entendê-las. (RICOEUR, 2007, p. 175).

Ricoeur (2007) realiza importantes reflexões acerca da relação história e memória. Segundo o filósofo, a ambição da memória é a de ser fiel ao passado. E como a memória é a única ferramenta de alusão ao passado, a tendência é de sempre haver uma tendência à memória correta, principalmente, no processo de construção de identidade resultante da memória coletiva. A conclusão é que o testemunho “constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história” (RICOEUR, 2007, p. 41).

A narrativa é, sem dúvida, segundo Ricoeur (2007) um dos recursos que mais trazem as pessoas para perto da realidade. Desde Homero a oralidade foi inserida como substancial na escrita da história e ainda é. E o modo de fazer história foi se transformando com o passar do tempo na medida em que novos métodos entraram para o debate para uma fidelidade maior em relação aos acontecimentos. No jornalismo, as principais fontes também são orais. Logicamente os documentos não podem ser suprimidos, muito menos ter sua importância retirada, mas fazer jornalismo é ouvir pessoas. Acontece que o tratamento da oralidade precisa ser criterioso, entendendo na apuração se os relatos se dirigem ao que Ricoeur chama de abusos da memória. Em uma descrição mais clara, essa concepção significa a manipulação da memória tanto em seu excesso e quanto em seu esquecimento, sendo este associado à insuficiência natural da memória. O único método para verificar a falsidade dos testemunhos

é a confrontação das declarações na busca por um passado mais fiel aos fatos. “Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis” (RICOEUR, 2007, p. 40-41).

O intento da lembrança evidencia uma das incumbências básicas da memória, expressada pelo duelo contra o esquecimento, no desejo da reminiscência frente ao tempo ininterrupto. Sem a recordação da testemunha e sem documentos, os acontecimentos são enterrados no esquecimento. “Assim, boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer” (RICOEUR, 2007, p. 48).

Todas essas elucidações sobre a memória conduzem a duas conclusões. A memória é uma prática importante na pesquisa histórica e jornalística e contribui para ao esclarecimento dos fatos; e que o real é inatingível, ou seja, caminho a que se chega é o conjunto de versões que empreendem na concepção da realidade. É o que Hannah Arendt, em seu ensaio *Verdade e Política*, afirma.

A realidade é diferente da totalidade dos fatos e ocorrências e mais que essa totalidade, a qual, de qualquer modo, é inavergüável. Aquele que diz o que é – leger ta eonta – sempre narra uma estória, e nessa estória os fatos particulares perdem sua contingência e adquirem algum sentido humanamente compreensível. (ARENDR, 1997, p. 323)

As memórias e histórias que serão narradas no livro-reportagem, produto do presente trabalho, visam a essa busca da aceitação da qual Arendt (1997) expressa. É um trabalho que lida com fatos, memórias e documentos no intuito de apreciar a veracidade. Daí a relevância de trabalhar os conceitos de história e memória, visto que a perspectiva do livro-reportagem é caminhar entre relatos e documentos, entre os estilos da história e jornalismo. Ciente, porém, da impossibilidade de se atingir uma verdade.

5. DADOS SOBRE O PRODUTO

5.1 Memorial descritivo do produto

O livro-reportagem *Rotativas Silenciadas: o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia* conta a história do jornal Correio de Uberlândia com base em três etapas. A ideia do produto é dar uma base ao leitor do perfil desta cidade e qual o papel da imprensa para ela. Buscamos entender a formação de Uberlândia, que se deu no final do século XIX, na mudança de regime do País, o qual saía do Império e passava para a República. O município de população predominantemente rural e analfabeta foi se transformando em um polo urbano. A imprensa surgiu quase que ao mesmo tempo com a cidade e foi consolidando-se como uma tribuna para os profissionais liberais da época.

Após esclarecer que cidade era essa para qual a imprensa falava, e que imprensa era essa que vinha surgindo e se mostrava firme na função de circular as ideias, mesmo com baixa tiragem e uma população minoritariamente alfabetizada, situamos o nascimento do jornal *Correio de Uberlândia*, no final da década de 1930. O capítulo mostra o panorama político e a relevância desta classe estar alinhada com a imprensa para apresentar as suas ideias à sociedade e alcançar os domínios das esferas de poder.

Passamos então ao *Correio* e seus principais concorrentes que estimularam mudanças na imprensa uberlandense e os modos como o jornal se adequou para se constituir como um veículo protagonista na cidade, amparado também por um desejo de se tornar forte na região. A ligação com o Grupo Algar, que depois incorpora o veículo como uma das empresas da *holding* também é retratada. A partir daí mostramos as tentativas do jornal expandir sua marca com a criação de novos produtos e, ao mesmo tempo, se mostrar viável economicamente enquanto empresa. O peso da visão mercadológica e o cenário financeiro sem perspectivas de crescimento na área de mídia deram o norte para a conclusão do livro.

5.2 Diagramação

A proposta da diagramação é de um layout com 40 fotografias distribuídas ao longo dos capítulos. A estrutura do livro segue da seguinte maneira: Capa, folha de rosto (ficha técnica, informações adicionais e data), sumário, agradecimentos, prefácio, capítulos (1 2 e 3) e epílogo. A cor azul utilizada no e-book remete ao tom do cabeçalho do jornal *Correio de*

Uberlândia utilizado em suas últimas versões. Ao fundo das páginas azuis há a primeira página da última edição, com o intuito de relembrar, durante a leitura, a temática do produto. Já as páginas do quarto capítulo utilizaram o mesmo fundo com a última edição do *Correio*, porém em preto e branco, no intuito de ressaltar o teor de memória e nostalgia dessa parte. As demais páginas foram colocadas em um tom de cinza que remete ao papel de impressão dos jornais. O rosa foi adicionado para dar uma suavidade ao design.

Abaixo seguem as demais características técnicas:

- a) Tamanho da página: 15cm x 20 cm – margem 1,5 cm;
- b) O livro possui 116 páginas + 2 (capa e contracapa);
- c) 46 páginas coloridas + (capa e contra capa) e 70 em preto e branco (p/b)
- d) Fontes utilizadas:
 - Texto: Lora, tamanho 10pt espaçamento entre linhas 18pt (com recuo de início de paragrafo de 1 cm).
 - Título de Capítulo: Prelo Extrabold 15pt espaçamento 46 pt / e / Prelo Extrabold 35pt espaçamento 40 pt (cor branca)
 - Primeira página de Capítulo: Prelo Book Italic 10 pt espaçamento 18 pt (cor branca)
 - Nome de entrevistado no capítulo 4 : Prelo Book Italic 15 pt espaçamento 18 pt
 - Chapéu: Prelo Book Italic 10 pt espaçamento 18 pt (cor branca)
 - Resumindo: foram usadas as fontes: Prelo Book Italic, Prelo Extrabold e Lora

5.3 Distribuição online

Para disponibilizar o livro-reportagem ao leitor, foi criada uma página na internet na plataforma gratuita *Wordpress*. O site foi idealizado num conceito simples para ser utilizado como suporte para *download*. Na página consta um menu lateral à esquerda com três itens: Home, Sobre e Contato.

Na página home foi disponibilizada uma sinopse e o livro-reportagem no formato PDF para *download* gratuito. Ao clicar no link Sobre, o internauta é direcionada a uma parte quem contém um breve texto explicativo sobre a produção do e-book. Por fim, no item Contato, há um espaço para que o leitor envie uma mensagem que será direcionada diretamente para mim.

6. RELATO DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A ideia do livro surgiu de um momento chave, pois quando dei início ao mestrado, o jornal *Correio de Uberlândia* havia sido fechado dois meses antes. Ainda era um fato novo e a proposta surgiu no primeiro contato com a orientadora. De um diálogo sobre possíveis pesquisas, esse tema veio à conversa e instigou o desejo de trabalhar as causas desse fato bastante recente na história da cidade.

Mas, em princípio, o fechamento do jornal seria um gancho para se contar a história da imprensa na cidade. Seria um trabalho extenso, e, ao longo das aulas e das leituras, percebi que seria necessário um recorte temporal menor. Ainda assim, a proposta era a história da imprensa de Uberlândia e como seria a trajetória que culminaria nos motivos do fechamento do jornal que mais tempo circulou no município. Na qualificação, a banca sugeriu recortar ainda mais o trabalho e elaborar uma pesquisa centrada na seguinte pergunta: *Por que o Correio de Uberlândia encerrou as atividades?*

A princípio, a única resposta para a questão foi o comunicado emitido pelo grupo que editava o jornal com dois meses de antecedência do seu fim. O comunicado era um documento, mas ainda assim, enquanto pesquisador, as inquietações levavam a desdobrar melhor esses acontecimentos e entender as circunstâncias nas quais o jornalismo impresso uberlandense se desenvolveu e como ele se relacionava com a vida do jornal *Correio*. Assim, foi elaborada uma lista com 12 sugestões de entrevistados que ajudariam a traçar essa caminhada. Mas como o mapa é apenas uma previsão e o caminho traz suas nuances, alguns dos entrevistados foram mudando ao longo do processo de pesquisa. Uns surgiram por sugestões, outros por necessidades de se confrontar certas informações descobertas dentro do trabalho. Não era apenas curiosidade, era necessidade de investigar. E, assim, da lista inicial, apenas cinco foram mantidos. Mas outros 12 foram adicionados. Muitas dessas fontes vivenciaram o dia-a-dia da reportagem nos jornais, seus bastidores ou tinham uma ligação com as letras. Esse foi o critério utilizado pela seleção. Vale destacar que a lista das fontes não incluía pessoas que trabalhavam em outras funções, como serviços gerais, entregadores, dentre outros, pois até a década de 1980, o núcleo da redação era responsável por quase toda a operação do jornal. Ou seja, muitos dos entrevistados que trabalharam nos jornais escreviam as matérias, manipulavam os linotipos, os clichês e cuidavam da distribuição.

As perguntas foram formuladas previamente de maneira a direcionar as entrevistas aos temas relacionados a: história da imprensa, história do *Correio de Uberlândia* e de outros jornais específicos, surgimento e desenvolvimento de Uberlândia, mercado do jornalismo impresso na cidade, especificidades da gestão do *Correio de Uberlândia*. Fui de casa em casa, alguns me receberam até mesmo no trabalho. Foi aí que entendi que o *Correio de Uberlândia* teve outros motores que são indispensáveis neste trabalho. Não haveria como chegar ao resultado final sem entender a sociedade de Uberlândia desde seu início, como ela lidava com a leitura, as influências políticas de uma cidade ainda arraigada aos moldes coronelistas e conservadores. Não haveria como entender o *Correio* sem o seu primeiro grande concorrente – *O Triângulo* – e o outro impresso que foi considerado um divisor de águas no jornalismo local, o *Primeira Hora*. A relação do *Correio* com empresários ligados ao partido da União Democrática Nacional (UDN) e, especialmente, o vínculo com o Grupo Algar que o geriu em boa parte de sua existência. Logo, os capítulos foram pensados e divididos da seguinte maneira: no primeiro, é destacada a trajetória da imprensa local até o surgimento do *Correio de Uberlândia*. Uma análise do imaginário da sociedade local também foi inserido nesta parte. O segundo capítulo apresenta os principais concorrentes do *Correio* e como eles o influenciaram, bem como, a relação íntima do veículo com o Grupo Algar e a sua hegemonia no mercado do impresso. O terceiro capítulo relata os últimos momentos do *Correio de Uberlândia* e aponta as decisões empresariais que determinaram o encerramento da publicação. Como contexto desta situação, foi discutido o cenário referido de crise do jornalismo impresso no mundo todo a partir do surgimento das novas mídias e do amplo acesso das informações nos meios digitais. Por fim, o quarto capítulo traz depoimentos de todos os entrevistados a respeito da existência ou não de um impacto cultural com o fim do *Correio de Uberlândia* e da possível continuidade do jornalismo impresso dentro das perspectivas atuais. O livro conta ainda com fotografias dos entrevistados e dos jornais que surgiram em Uberlândia desde o século XIX até o século XXI.

Uma observação importante se dá em relação ao apêndice C, no qual consta um trecho que foi escrito para o livro, mas verificou-se que não havia encaixe para ele nos capítulos. Ele foi escrito com base em uma entrevista com o ex-prefeito e ex-deputado federal Zaire Rezende, relator do projeto de lei que regulamentaria a democratização da informação. O tema é muito pertinente para o estímulo de criação de novos veículos, pois teriam recursos para desenvolver uma imprensa de qualidade, o que fomentaria a concorrência midiática em todo país com espaço para mídias independentes. No entanto, como não visualizamos um

espaço que vincularia esse trecho aos textos nos capítulos, definiu-se que ele entraria como anexo para que a banca pudesse ter acesso ao conteúdo e avaliar a relevância dele na possibilidade de pertencer ou não ao livro-reportagem.

Quanto à narrativa, decidi por fazê-la em terceira pessoa, para dar um tom impessoal ao livro. O texto visa ao relato dos fatos de modo a se constituir de uma grande reportagem, com depoimentos, para enfatizar determinados trechos e mostrar a versão de pessoas envolvidas com a imprensa nesse processo histórico. A escrita foi pensada para ser mais fluido, porém sem desprezar elementos mais analíticos, a exemplo de abordagens relacionadas a recortes históricos e da concepção sócio-cultural da sociedade uberlandense como ponto importante para os rumos da imprensa local. Para dar ainda mais destaque aos entrevistados, o último capítulo foi estruturado predominantemente com depoimentos. Assim, o leitor pode conhecer um pouco mais os entrevistados e saber o que eles pensam diretamente sobre o impacto do fechamento do jornal *Correio de Uberlândia* e o futuro do impresso na cidade numa possível adequação às novas mídias para a sobrevivência desse tipo de imprensa em Uberlândia. A diagramação foi terceirizada e contou com a colaboração da estudante de jornalismo e Amanda Cristina Cardoso.

A pesquisa foi desenvolvida durante praticamente dois anos (2017 e 2018). O primeiro procedimento adotado na pesquisa foi o levantamento bibliográfico⁵, realizado entre setembro e outubro de 2017. Foram analisados dois espaços distintos: os anais de trabalhos e revistas científicas publicados no Intercom e o site da Revista Brasileira da História da Mídia. Neste levantamento foram utilizados os descritores de busca (palavras-chave) “jornalismo impresso”, “história do jornalismo” e “livro-reportagem”. Também entre os procedimentos, a análise de similares⁶ possibilitou um comparativo entre temas e suporte, que coloca o pesquisador em um contato direto com possibilidades de abordagens na temática e também para entender melhor as características do suporte selecionado para a divulgação do produto de mestrado. No caso desta pesquisa, os temas similares procurados foram aqueles com conteúdo de histórias e memórias da imprensa.

A pesquisa documental foi um processo contínuo durante toda a pesquisa de mestrado. Ela teve início no primeiro semestre com a busca por documentos que viriam a colaborar com o trabalho tanto pela internet, biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e

⁵ O relatório completo do levantamento está disponível em apêndice.

⁶ A análise completa está disponível em apêndice.

Arquivo Público Municipal. Esses espaços foram essenciais na busca por documentos e avaliações de fatos históricos, especialmente no que tange ao estudo da imprensa da cidade. Os principais tipos de documentos pesquisados foram exemplares de jornais de Uberlândia disponíveis para estudo nesses locais

As fotografias dos personagens entrevistados e algumas imagens que retratem trechos da pesquisa serviram para ilustrar o livro-reportagem e somar valor de informação ao conteúdo da publicação. Imagens são detalhes que enriquecem o trabalho jornalístico e histórico. As fotografias foram feitas por mim e se referem aos personagens, durante as entrevistas, e de exemplares de jornais impressos de Uberlândia desde o século XIX até o XXI.

7. EXEQUIBILIDADE E APLICABILIDADE

7.1 Custos

Os custos foram arcados pelo próprio pesquisador e o valor engloba a aquisição de livros para pesquisa documental, deslocamentos e diagramação terceirizada. Os valores finais ficaram em aproximadamente R\$ 650,00.

7.2 Divulgação e Distribuição

O livro reportagem está disponibilizado em formato digital (e-book) para download gratuito no site <https://rotativassilenciadas.wordpress.com>, de modo que estudantes e pesquisadores de diversas instituições de ensino (inclusive fundamental e médio), bibliotecas e arquivos públicos tenham acesso enquanto documento a ser trabalhado em sala de aula ou como base para novas pesquisas. O livro tem o propósito de acrescentar conteúdo ao debate do trabalho jornalístico e às perspectivas da área para a cidade e num contexto global. Também vale ressaltar que este é um produto que contribui com a história do município, visto que todo o processo de construção da obra se deu por metodologias de pesquisa e apuração de documentos, bem como, por meio do conceito de história oral, viés que também pode ser analisado pelas entrevistas. Futuramente, pretende-se disponibilizar as entrevistas que tiveram permissão para serem gravadas em vídeo. Dentro dessa possibilidade, já tivemos autorização para divulgação, em documento assinado pelas fontes e que está em posse do pesquisador e também apresentado no apêndice F deste relatório.

Para viabilizar um melhor acesso ao trabalho, a proposta é disponibilizar uma cópia digital no arquivo público, fortalecer a divulgação por meio das mídias sociais e verificar junto a editoras a possibilidade de publicação do livro, de modo a permitir que mais pessoas tenham contato com o produto. Outra proposta de divulgação se dará a partir de oficinas junto a escolas com o tema história e imprensa para estudantes do ensino fundamental e médio. Quanto ao ensino superior, a divulgação poderá ser feita em simpósios e congressos por meio de inscrição deste trabalho para ser apresentado nas áreas de história da mídia.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um livro-reportagem sobre o encerramento das atividades do *Correio de Uberlândia* foi um desafio interessante na minha vida acadêmica e profissional. Há 11 anos atuo no mercado de jornalismo e vivenciei esse ciclo final do veículo na condição de assessor de imprensa, lidando com os profissionais e as publicações do jornal, mas também como um leitor e assinante.

A presente pesquisa possibilitou entender mais a fundo como o *Correio* lidava com a produção de notícias e com a sociedade e como as decisões de mercado impactaram nos caminhos percorridos pelo impresso. Por mais que no percurso do mestrado a gente se paute por um tema específico, nós nos deparamos com uma diversidade de leituras que nos guiam na construção do embasamento teórico e na estruturação das hipóteses.

É esse trajeto que nos leva a refletir sobre a nossa profissão para que possamos reinventá-la a partir da busca incessante pelas novas ideias e adequação à realidade que se transforma. O jornalismo, assim como outras áreas de atuação, está em constante transformação. Este trabalho demonstra que o jornalismo deve observar o mundo e se redescobrir, seja pela técnica, pelo meio ou pelo público.

O *Correio de Uberlândia* teve sua história e contribuiu para a história da cidade. Hoje, suas páginas servem como documento em que podemos ver quase 80 anos de registros de nosso município. Os escritos e as fotos nos ajudam compreender um pouco sobre a sociedade uberlandense em cada época. O jornal, portanto, cumpriu sua função enquanto imprensa, no sentido de informar e garantir o funcionamento da democracia. Agora, cumpre enquanto documento histórico preservando a memória da sociedade.

O livro-reportagem *Rotativas silenciadas: o fim da publicação do jornal Correio de Uberlândia* traz a trajetória do *Correio de Uberlândia* e destaca o impacto de seu fechamento. Até seu último dia, o *Correio* ostentava a posição de único impresso diário editorial numa cidade de quase 700 mil habitantes. Assim como o jornal, o livro é um documento que preserva memórias e estimula a reflexão sobre a cidade. E também sobre a imprensa.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBRUZZESE, J. **The Full New York Times Innovation Report**. Mashable, EUA, May 16, 2014. Business. Disponível em: <<http://mashable.com/2014/05/16/full-new-york-timesinnovation-report/#fNkIGBITOPqC>>. Acesso em: 22 jul. 2018.
- ALMEIDA, Dielen dos Reis Borges. **Memórias de mulheres**: livro-reportagem com perfis biográficos de femininos múltiplos. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- ARAGÃO, Joana Maltez de; MENEZES, Juliana Cíntia Ferreira de; SANTOS, Lourivânia Soares. **A caixa mágica**: um resgate da história da TV em Salvador. Salvador: Nós Três, 2006.
- ARAÚJO, Antônio. **A história da imprensa de Frutal**: um passado presente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=liTnC3-t-xE>>. Acesso em: outubro de 2017.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- ARENDDT, Hannah. Verdade e política [1964/1967]. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da Imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARCELOS, Janaína. **Os usos da fotografia pela imprensa**. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9., 2013, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/os-usos-da-fotografia-pela-imprensa>>. Acesso em 19 mar. 2018.
- BELLEI, Sérgio Luiz. **O fim do livro e o livro sem fim**. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/bellei.html>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BEZERRA, Gledson do Nascimento. A polêmica discursiva na produção roraimense de livro-reportagem. Boa Vista, 2008. Disponível em: <<https://ufr.br/comunicacao/index.php/impresso-pdf?download=435:bezerra-gledson-do-nascimento>>. Acesso em 12 nov. 2018.
- BOSI, Antônio de Pádua. A formação da classe trabalhadora no Brasil: o caso de Uberabinha-MG (1888-1915). **Trajetos**. Revista de História, *Fortaleza*, v. 3, n. 20, p. 151-175, 2005.
- BOUKREEV, Anatoli; DE WALT, G. Weston. **A escalada**: a verdadeira história da tragédia no Everest. São Paulo: Editora 34, 1998.
- BRASIL. **Projeto de lei nº 2735**: Regula a liberdade de manifestação do pensamento e da informação e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1992.
- CASOY, Ylana. **Serial Killer**: louco ou cruel? São Paulo: WVC Editora, 2002.

DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio – Uberlândia (1939 – 70).** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica - Doutorado em História, 2002.

DARNTON, R. Uma precoce sociedade da informação: as notícias e a mídia em Paris no século XVIII. In: **Varia História**. Belo Horizonte, nº 25, jul./01, 2001 p.9-51. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57ab5edebe6594bec76df536/1470848832157/Darnton%2CRobert.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2018.

FELZ, José Carlos. **A fotografia de imprensa nas primeiras décadas do século XX: o desenvolvimento do moderno fotojornalismo.** Congresso Nacional de História da Mídia, 6., 2008, Niterói. Anais... Niterói: GT História da Mídia Visual, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20fotografia%20de%20imprensa%20nas%20primeiras%20decadas%20do%20seculo%20XX.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

FILHO, Nivaldo. **Estudo populacional de Uberlândia (MG), 1996-2006.** 4ª Semana do Servidor e 5ª Semana Acadêmica, 2008, Uberlândia. Disponível em: <<https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/SA08-20801.PDF>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FIPE. **Censo do livro digital: ano base 2016.** São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2017/08/Apresentacao-Censo-do-Livro-Digital.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país.** São Paulo: Publifolha, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nilo Sérgio. **Em busca da notícia: Memórias do Jornal do Brasil, 1901.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

GRAYSMITH, Robert. **Zodíaco.** São Paulo: Novo Conceito, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil.** São Paulo: Ibope Inteligência, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

JUSTINO, Rogério. **Imprensa, publicidade e educação: um estudo sobre a civilização dos costumes no interior do Brasil (Uberabinha, MG, 1919 – 1929).** Uberlândia, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5º Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri: Manole, 2009.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS, Sérgio. **Dilemas do jornalismo impresso na busca de um novo modelo de negócio**. VI Fórum Eptic, 2013, Manaus. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/1856/1626>>. Acesso em 07 ago. 2018.

MEIRELLES, F. S. **29ª pesquisa anual do uso de TI**. São Paulo: FGV-EAESP, 2018.

MELO, José Marques de. **Sociologia da Imprensa Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?** Como salvar o jornalismo na era da informação. São Paulo, Contexto: 2007.

MOTTA, Nelson. **A primavera do dragão: a juventude de Glauber Rocha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Intercom, Brasília: 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PEREIRA, Oscar Virgílio. **Das sesmarias ao polo urbano: formação e transformação de uma cidade**. Uberlândia, [s.n.]: 2010.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PRIZIBISCZKI, Cristiane de Azevedo. **A Práxis do Livro-reportagem: teoria e prática em diálogo**. Santos (SP): XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1109-2.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Regma Maria dos. **Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycido Paes**. Uberlândia: Aspectus/Funape, 2005.

SEGALA, Mariana. **Relatório de qualificação**. Uberlândia, 2016.

SILVA, David Renault da. Entre o jornalismo e a história, o resgate do presente. In: MOURA, Dione Oliveira et. Al. (Org.). **Jornalismo e literatura: aventuras da memória**. Brasília:

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e Faculdade de Comunicação da UNB, 2014.

SMITH, Anne-Marie. **A Forced Agreement: Press Acquiescence to Censorship in Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1997

SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. **Entre mudanças e permanências: os jornais impressos soteropolitanos e suas coberturas eleitorais no século XX**. Salvador: Edufba, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Mauad, 1999.

TELAVIVA PRODUÇÕES. **A história da imprensa escrita de Montes Claros**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Au3W8gN02Ks>>. Acesso em: outubro de 2017.

UNIVESP TV. **Livros 73: história da imprensa paulista – Oscar Pilgallo**. Disponível em <http://tvcultura.com.br/videos/35179_livros-73-historia-da-imprensa-paulista-oscar-pilgallo.html>. Acesso em: outubro de 2017.

VIEIRA, Itala Maduell. **A memória em Maurice Hawlbwachs, Pierre Norra e Michael Pollak**. In: Encontro Regional Sudeste de História Oral, 9., 2015, Niterói, *Anais...* Niterói: Simpósio Temático “História, memória e ética: perspectivas transdisciplinares”, 2015. Disponível em: <http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf>. Acesso em 21 mar. 2018.

WILLIAMS, Ewin Bucher. **Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

WOLFE, Tom. **Radical chique o Novo Jornalismo**. São Paulo: Jornalismo Literário: Companhia das Letras, 2005.

10. APÊNDICE A

- Lista dos entrevistados por ordem alfabética:

Alberto Gomide (jornalista)

Antônio Pereira da Silva (jornalista e historiador)

Carlos Henrique de Carvalho (professor e historiador)

Cézar Honório Teixeira (jornalista e ex-coordenador de redação do Correio de Uberlândia)

Eduardo Afonso (Político e um dos responsáveis pelo jornal Primeira Hora)

Francisco de Assis (proprietário de banca de jornal)

Ilacir Gonçalves (jornalista)

Ivan Santos (jornalista)

José Inácio Pereira (ex-diretor superintendente da Algar Mídia)

Luis Fernando de Moraes (proprietário de banca de jornal)

Martha Pannunzio (escritora)

Maurício Ricardo Quirino (jornalista e ex-coordenador de redação do Correio de Uberlândia)

Neivaldo Silva (jornalista)

Newton Dângelo (professor e historiador)

Oscar Virgílio (advogado historiador)

Regma Maria dos Santos (professora e historiadora)

Zaire Rezende (Ex-prefeito, ex-deputado federal e um dos fundadores do jornal Primeira Hora)

11. APÊNDICE B

- A transcrição das 17 entrevistas está disponível em mídia digital (CD-ROM) anexada a este relatório.

12. APÊNDICE C

- Trecho escrito, a princípio, para finalizar o capítulo 2. No entanto, verificamos que o conteúdo poderia ficar fora de contexto. O trecho segue neste anexo para contar a produção e avaliar junto a banca a opinião sobre a possibilidade de fazer parte ou não do produto.

O intento de democratizar a informação

Mesmo com tantas tentativas de consolidar outros periódicos, Uberlândia insistia em ser a terra de um título só. A história poderia ser diferente, assim como em muitas cidades do Brasil, caso a lei de democratização da informação fosse aprovada no Congresso Nacional. Talvez o Correio de Uberlândia tivesse mais concorrência, mas tratar destino como um futuro do pretérito seria incorrer em possibilidades que de todo modo nunca saberíamos o final.

O projeto surgiu em 1992 pelas mãos do ex-prefeito e, então, deputado federal, Zaire Rezende. A experiência do Primeira Hora foi maior do que a revolução na mídia impressa. Ela trouxe uma interpretação de um mundo ideal para a imprensa. Na visão de Zaire, o jornal é um instrumento que deveria ser aberto às pessoas para a livre manifestação do pensamento. De forma mais direta, Zaire foi o meio político de uma proposta que surgiu do debate sobre imprensa pela sociedade, jornalistas e Associação Nacional de Jornais. O projeto estava pronto e era necessário um deputado para apresentá-lo ao congresso. Após leituras e sugestões, o PL 2735/92 entra em circulação enfrentando árduas oposições. Afinal, o projeto daria providências para fomentar a mídia de modo que elas não pudessem mais ser concentradas no domínio restrito de grupos empresariais. No final, o projeto foi barrado, mas isso não impede de contarmos sua história e como ela traria reflexos para o percurso da mídia em Uberlândia. Para se ter ideia de quanto o PL mexia com interesses gigantes, o Artigo 42 foi um ponto que obrigaria uma reestruturação das empresas responsáveis por mídia no país. A redação deste ponto determinaria que os meios de comunicação social não poderiam ser objeto de monopólio ou oligopólio. “Para não ter interesse de empresas. Só povão. Aí começou a mexer muito”, afirma Zaire.

O fomento à produção independente também estava previsto no projeto de modo que ela tivesse direito à circulação, no caso dos veículos de televisão e rádio, em 50% da programação diária. A intenção era dar visibilidade aos assuntos e culturas locais e regionais através da imprensa. Todos os artigos do PL levavam a caminhos de descentralização e debate de ideias e por isso sofreu resistência dos grupos proprietários de mídias, pois tinham receio de perder o poder sobre a informação e as receitas provenientes do segmento.

Ao reavaliar o projeto de lei, Zaire faz uma autocrítica. Ele percebe que o projeto era completo e que isso foi um empecilho para a aprovação. Caso o PL fosse desmembrado em várias propostas, teria sido mais fácil de passar. “Essa classe dominante mantém tudo na mão deles. Tudo, tudo, tudo. São senhores absolutos de tudo. E o povão, ah o povão, coitadinho”.

Em resumo, o que o projeto previa era o estímulo ao conteúdo independente, regional, proteção e liberdade para os jornalistas, facilidade para criação de veículos comunitários e distribuição de receita pela regulação de anúncios. Se em 1992 o projeto tivesse sido aprovado, novas mídias teriam dado sustentação à imprensa de Uberlândia, que só sobrevivia a partir da ligação com empresas que já tinham volume de capital. Novos jornais, novas televisões e estações de rádio trariam a diversidade da informação, ao invés da concentração da mesma. “A cidade seria um ferredouro de ideias, discussões e de brigas boas. Eu discordo de cá, você discorda de lá, o pau quebra. Mas é assim que a coisa acontece, que a democracia cresce e que os seres humanos aprendem. Todos nós podemos aprender com os outros e todos os outros podem aprender conosco”, considera Zaire.

Nos dias de hoje, a rede social trouxe maior voz às pessoas, mas as mídias tradicionais ainda são os principais meios de veiculação da informação. No entanto, por ser uma democracia recente, o Brasil ainda vive em dificuldades para implantar seus princípios em absoluto, como foi o caso da Lei da Informação Democrática. A liberdade de imprensa é um caminho. A liberdade dos meios de comunicação seria a continuidade desse traço.

13. APÊNDICE D

- Levantamento bibliográfico detalhado.

O primeiro procedimento adotado na pesquisa foi o levantamento bibliográfico, realizado entre setembro e outubro de 2017. Foram analisados dois espaços distintos: os anais de trabalhos e revistas científicas publicados no Intercom e o site da Revista Brasileira da História da Mídia, respectivamente enquadrados como pesquisa em evento e em periódico. Nos eventos, a escolha pelo Portal Intercom ocorreu em razão de ser um congresso que reúne a maior quantidade de estudiosos do tema de comunicação no Brasil. Quanto aos periódicos, as escolhas se deram pela Revista Intercom e Revista Brasileira da História da Mídia. Especificamente sobre esta última, ela tem relação direta com o objeto de pesquisa do mestrado por envolver tanto pesquisas relacionadas ao jornalismo (no caso, impresso) quanto à história da imprensa. Na coleta bruta foram eliminados os trabalhos elaborados em língua estrangeira, em face da gama de produções já realizadas no próprio Brasil.

Neste levantamento foram utilizados os descritores de busca (palavras-chave) “jornalismo impresso”, “história do jornalismo” e “livro-reportagem”. Para que o trabalho tivesse maior objetividade, mesmo considerando a coleta de dados brutos, levou-se em consideração os artigos que continham mais especificamente os descritores “impresso” (em sua variação também no feminino) e “história”. Esse fato se deve por, ao se tratar do campo jornalístico, a esmagadora maioria, para não dizer todos os trabalhos que surgiram na busca, teriam a palavra jornalismo e/ou variantes, como jornais e jornalístico. A busca do Portal Intercom não possui indicador sobre a quantidade de trabalhos relacionados, no entanto, por uma rápida avaliação pude concluir que a listagem ultrapassou 300 documentos.

A ideia maior é que os trabalhos relacionados ao jornalismo impresso ou à história do jornalismo fossem coletados para uma posterior triagem de assuntos. Ainda em consideração à objetividade e facilitação da pesquisa, foram coletados apenas os trabalhos que contivessem no título ou no resumo as palavras-chave “impresso” e “história”. A exceção se deu apenas com o descritor “livro-reportagem”. Neste caso foi realizada a busca pelo Google Acadêmico por ser uma ferramenta de fácil utilização. Devido ao fato da descoberta dessa ferramenta ter se dado na reta final do levantamento, ela foi utilizada apenas neste último descritor com filtragem para o site do Portal Intercom. Neste caso foram 62 resultados e nem todos foram direcionados ao site do Portal Intercom. Devido aos poucos resultados, foram considerados os

documentos que contivessem a palavra ou termo semelhante (a exemplo de “romance-reportagem” e “jornalismo literário”) tanto no título quanto no resumo. Sobre o livro-reportagem, apenas um artigo de periódico foi encontrado envolvendo o tema.

Interessante destacar que a maior parte do levantamento bibliográfico é composto basicamente por artigos científicos, pois resenhas, também consideradas nesta pesquisa, foram encontradas em rara quantidade no âmbito do tema. Dessas encontradas, apenas três (em periódicos) foram incluídas no trabalho. Devido à ausência de resumo nas resenhas, foram alocados como resumo nas planilhas de dados o primeiro parágrafo, visto que este explica de maneira sucinta o que vêm a ser os escritos das páginas decorrentes.

Outra observação necessária se refere ao período de pesquisa. Em razão da delimitação possível entre cinco e dez anos, optou-se pelo recorte de até cinco anos para a pesquisa em eventos, devido a enorme quantidade de trabalhos publicados, e até dez anos no que concerne aos periódicos. Ao todo foram 45 itens selecionados em eventos e outros 28 em artigos de periódicos.

Em maiores detalhes, na plataforma de eventos foram selecionados sete artigos com descritor “história do jornalismo”, 30 relacionados a “jornalismo impresso” e outros oito no que concerne a “livro-reportagem”. Na plataforma de periódicos, 19 itens dizem respeito ao descritor “história do jornalismo”, oito a “jornalismo impresso” e, como já dito acima, apenas um sobre “livro-reportagem”.

Por esse trabalho foi possível fazer uma triagem de assuntos mais diretamente relacionados ao meu tema de pesquisa e verificar referências bibliográficas que tenham similaridade de conteúdo. As abordagens diferem bastante. São vários trabalhos com perspectivas de análise de gênero, reflexões sobre o próprio fazer jornalístico e também investigações sobre obras específicas, tanto de literatura quanto de exemplares de veículos de comunicação impressa. A avaliação do jornalismo em rádio, internet e televisão também ganhou abordagens e alguns, inclusive, contêm os descritores no título ou resumo, fato crucial para a seleção deles enquanto dados brutos no levantamento. Entre as principais referências, verifica-se a influência de estudiosos da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Walter Benjamin, estruturalistas como Michel Foucault e grandes referências no estudo de comunicação no Brasil, como José Marques de Melo e Marialva Barbosa. Destaques também para Paul Ricouer e Juarez Bahia no que se refere a narrativas, história e técnicas.

Basicamente, ao se falar em jornalismo impresso percebe-se a existência de muitos trabalhos que buscam, a partir de revistas e diários noticiosos de papel, construir uma memória e narrar uma versão da história de determinada cidade ou período passado. Pontos relevantes da história brasileira, como a Ditadura Militar, são revisitados a partir de uma análise midiática mais profunda por estudiosos da comunicação. A relação de gênero, na qual se destaca principalmente a figura da mulher perante a sociedade em suas determinadas épocas com base em reportagens, também é conteúdo assiduamente trabalhado nos artigos coletados.

O discurso jornalístico e a forma de se fazer a escrita são outros temas muito encontrados nas plataformas. Para a pesquisa, vê-se a relevância em virtude de traçar paralelos entre o objeto e a transformação da escrita no jornalismo impresso uberlandense. Essa diferença é retrato da transformação da mídia e da sociedade, bem como a forma de se fazer notícia, que agora vem ganhando as mídias digitais. Textos desse teor foram filtrados durante o procedimento, pois carregam argumentos potenciais nas explicações sobre o encerramento do mais tradicional impresso de Uberlândia. As mídias sociais e a cultura atual foram fatores cruciais nesse fechamento de redação? As leituras que abordam a convergência de mídias e a relação impresso/web também têm peso na minha pesquisa de mestrado.

Ao final, em torno de 15 dos 73 trabalhos coletados têm conteúdos que vão ao encontro da pesquisa e que podem dialogar, tanto pelo argumento dos artigos em si, quanto junto ou somente por meio das referências bibliográficas. Um dos que mais chamou a atenção foi um texto da própria Marialva Barbosa, intitulado “O método e a análise histórica do jornalismo” que mescla jornalismo, história e metodologia. Ao que se pôde estabelecer sobre a pesquisa, esses elementos que estão à tona no artigo de Barbosa são indispensáveis para a teoria do trabalho de mestrado enquanto construção das etapas, defesa do tema e justificativa de sua importância perante o estudo em questão.

14. APÊNDICE E

- Análise de similares detalhada.

A análise de similares é um procedimento que estabelece um comparativo entre temas e suporte. A pesquisa começa a se desenvolver mais a partir daí, pois coloca o pesquisador em um contato direto com possibilidades de abordagens na temática e também para entender melhor as características do suporte selecionado para a divulgação do produto de mestrado. No caso desta pesquisa, os temas similares procurados foram aqueles com conteúdo de histórias e memórias da imprensa. Quanto ao suporte, foram avaliados livros-reportagens de teor biográfico ou que contavam histórias de um fato ou tema com caráter histórico-jornalístico. Abaixo seguem os relatórios com a análise de similares.

Suporte:

Referência: MOTTA, Nelson. **A primavera do dragão: a juventude de Glauber Rocha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

O livro-reportagem é a biografia do cineasta baiano Glauber Rocha, principal nome do cinema brasileiro. O recorte é o nascimento até o final da década de 1960, quando ele ia lançar o filme “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”. O foco é toda a juventude criativa de Rocha, bem como seu comportamento diferente dos demais artistas, e como todo o contexto e cultura da época influenciou sua trajetória no cinema novo.

O livro contém 361 páginas e é dividido em 45 capítulos, além de agradecimentos, introdução, bibliografia e créditos das imagens. O livro possui muitas fotografias em preto e branco no início e final de cada capítulo.

O livro possui capítulos curtos, alguns até de duas páginas e se destaca por uma diagramação inovadora, com letras grandes, páginas mescladas entre branco e vermelho e muitas fotografias grandes em preto e branco. O livro possui detalhes de falas bem interessantes, como se o leitor estivesse revivendo cada momento. Um dos pontos negativos é a ausência de índice para guiar o leitor por capítulos.

O formato é um modelo interessante a ser pensado em meu projeto pela dinâmica com que se passa pelos fatos. Embora o recorte do autor seja temporalmente pequena, já que se

trata da juventude de Glauber, ele ainda é denso, pois Glauber Rocha foi um personagem complexo na cultura brasileira. E mesmo com esses detalhes, o livro conseguiu trazer informação e entretenimento com qualidade em detalhes e na fluidez da leitura.

Suporte:

Referência: CASOY, Ylana. **Serial Killer: louco ou cruel?** São Paulo: WVC Editora, 2002.

O livro fala sobre como se dão as investigações, especialmente nos Estados Unidos, sobre os serial killers. A abordagem engloba tanto o perfil das vítimas quanto dos assassinos condenados e questões técnicas de investigação e psiquiatria forense. A segunda parte do livro a jornalista relata a história dos serial killers mais famosos dos Estados Unidos e alguns outros países.

O livro contém 300 páginas e é dividido em 21 capítulos, além de prefácio, apêndices, bibliografia e webgrafia. Ele é dividido em duas partes: uma mais técnica e a outra sobre a história de alguns assassinos mais conhecidos internacionalmente.

A obra é muito boa em informações técnicas que envolvem a investigação e a psiquiatria forense. A segunda parte que relata a história de 14 serial killers também é talvez mais interessante que a primeira por se tratar de fatos mais curiosos ao leitor comum.

É um livro inicialmente mais técnico, que interessa mais a um público específico (investigadores, psicólogos, psiquiatras). Possui poucas imagens e elas são pequenas e sem riqueza de detalhes pela baixa resolução.

Embora tenha um formato interessante, que mescle a técnica com as histórias dos casos de destaque, este livro é o que menos contribuiria para o projeto. Ele vale enquanto análise por ajudar a entender as possibilidades, mas é um modelo que se encaixa pouco na perspectiva que visualizo para meu projeto.

Objeto:

Referência: [TELAVIVA PRODUÇÕES. A história da imprensa escrita de Montes Claros. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Au3W8gN02Ks>](https://www.youtube.com/watch?v=Au3W8gN02Ks). Acesso em: outubro de 2017.

Gravado em 2010 por alunos de jornalismo do Centro Regional de Estudos em Ciências Humanas (Crecih), o documentário trata da história da imprensa escrita de Montes Claros. Elaborado por uma produtora local, o vídeo trabalha com a reconstrução dessa história por meio de entrevistas com personalidades conhecidas na cidade.

A importância da imprensa na cidade se resulta no crescimento de Montes Claros por meio da canalização dos interesses e desejos comunitários. A construção da rodovia até Belo Horizonte, criação da faculdade na cidade teve como ponto fundamental o papel da imprensa. Ou seja, a cidade construiu-se junto da relação da imprensa. No início eram dois jornais que existiam na cidade que até então era de 60 mil habitantes na metade do século XX.

A relação entre os dois jornais era diferente numa comparação feita entre antes e com o advento da internet. Os jornais brigavam pelo furo, com fontes guardadas em segredo pelos jornalistas. Hoje o jornal é feito basicamente pela internet. O documentário abordou a evolução da reprodução fotográfica do jornal, as dificuldades do processo de revelar as fotos.

São 12'40" de documentário que mescla narrativas e entrevistas, com imagens antigas que cobrem os offs e algumas entrevistas. O documentário é dividido em temas como o início, quem fez a imprensa da cidade, fotografia, o progresso da cidade como contribuição da imprensa e o modo antigo de fazer jornalismo e o atual.

Os entrevistados têm boa participação na história da imprensa, sendo alguns escritores, outros jornalistas. O banco de imagens também é positivo, pois algumas entrevistas e os offs são sobrepostos por fotografias antigas de jornais da cidade e profissionais que trabalharam neles.

Vídeo curto com uma montagem que deixa a desejar na questão de efeitos, gerador de caracteres, sobreposição de imagens. O áudio capta muito som ambiente, o que dá uma concepção de algo feito sem muita técnica, muito simplista. Mas há de se relevar tais fatores, por ter sido gravado por estudantes do curso de Jornalismo do Crecih.

Objeto:

Referência: [ARAÚJO, Antônio. A história da imprensa de Frutal: um passado presente. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=liTnC3-t-xE>. Acesso em: outubro de 2017.](https://www.youtube.com/watch?v=liTnC3-t-xE)

Publicado em 2011 por alunos da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), o documentário começa a abordagem sobre a fundação do município de Frutal (MG) em 1887. A fundação da cidade e a origem da imprensa estão ligadas pela pessoa do Senador Gomes da Silva. A publicação do primeiro jornal (O Santelmo), por meio da câmara de vereadores de Frutal é o pontapé para o decorrer da história narrada no documentário, que tem por característica a evolução da imprensa a cada parte. É uma narrativa linear e progressista, com imagens históricas e simulações encenadas com referência à época.

Ao terminar a publicação do primeiro jornal, outros começaram a surgir, com intuítos de defender interesses opostos ao fundador do primeiro. E após um hiato de oito anos, mais jornais vieram a ser publicados.

O documentário de 22'23" de vídeo tem boa edição, com grande variedade de imagens para cobrir os offs. A riqueza de detalhes sobre os jornais e o contexto histórico da época de cada jornal é ponto forte da produção.

O documentário demora a se desenrolar com outros entrevistados e tem um início mais cansativo. São poucos personagens entrevistados, o que deixa pouco ponto de vista para reflexão. A narração domina o tempo de produção em todo o documentário. O forte é a quantidade de informação, repassada em tempo hábil para a audiência. Não há uma divisão do documentário por meio de títulos. Passa-se da imprensa escrita para a história da rádio bruscamente e esse mesmo salto acontece entre as décadas. Traz-se o início de determinado veículo e logo passa-se à atualidade, sem desenvolver adequadamente os fatos ao longo da linha de tempo. O documentário começa promissor e depois se mostra mais básico tanto em edição quanto em conteúdo.

Objeto:

Referência: GOMES, Nilo Sérgio. **Em busca da notícia:** Memórias do Jornal do Brasil, 1901. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

Tradicional diário da imprensa brasileira, o Jornal do Brasil interrompeu suas publicações impressas e tornou-se integralmente digital a partir de 2010. Tal fato leva à

comparação com o jornal Correio de Uberlândia, também tradicional, em âmbito local, mas que encerrou por completo suas atividades em 31 de dezembro de 2016.

O trabalho de Nilo Sérgio Gomes foi contar um pouco da história do Jornal do Brasil no ano de 1901. O livro é na verdade a publicação da dissertação de mestrado do jornalista que buscou problematizar as memórias e os discursos do JB nas notícias publicadas. Como ele mesmo afirma na introdução, a ideia é trazer uma análise da matéria jornalística, tanto quanto lugar de poder, quanto possível lugar de memória.

São 184 páginas de trabalho contando introdução, agradecimentos, desenvolvimento, bibliografias e anexos. Três grandes capítulos se desmembram em subcapítulos que pontuam cada possibilidade da discussão. O livro tem como base a pesquisa sobre exemplares da época e também a entrevista com o neto de um dos protagonistas pelas mudanças implantadas no periódico na virada do século XX.

Os destaques se dão pelo recorte temporal, que permite uma análise mais detalhada sobre os elementos da memória e do poder. Trechos do jornal aparecem no decorrer do trabalho e a entrevista completa com o professor Cândido Mendes (neto do responsável pelas mudanças do jornal) está disponível como anexo ao trabalho. Senti apenas falta de imagens do próprio jornal à época, visto que cerca de 200 exemplares foram analisados pelo autor na Biblioteca Nacional, ou seja, estavam disponíveis.

Objeto:

Referência: UNIVESP TV. **Livros 73: história da imprensa paulista** – Oscar Pilgallo. Disponível em <http://tvcultura.com.br/videos/35179_livros-73-historia-da-imprensa-paulista-oscar-pilgallo.html>. Acesso em: outubro de 2017.

O autor, Oscar Pilgallo, explica que o livro foi uma encomenda da editora e que a ideia surgiu por não haver nenhum relato sobre a relação da imprensa de São Paulo com o Governo Central. São quase 18 minutos do programa “Livros”, produzido pela Univesp TV e reproduzido pela TV Cultura.

O primeiro jornal surgiu em 1823. Havia uma demanda da elite local para que fosse enviado do Rio de Janeiro, capital do país à época, equipamentos como o prelo para que se fizesse imprensa em São Paulo, mas isso não houve. Por isso ele foi feito totalmente artesanal.

O programa da TV Cultura destinado a esse livro é basicamente uma entrevista extensa sobre as impressões do autor para escrever o livro e também sobre o conteúdo da obra. Percebe-se que a criação e o desenvolvimento da imprensa em São Paulo se dão através de ideais e da relação com a política brasileira.

O programa de entrevista é bem completo no que concerne a conteúdo, pois consegue dar uma ideia precisa dos tópicos trabalhados no livro. A análise da história da imprensa paulista é indissociável da elite cafeicultora e das questões políticas. Tanto no que se refere à imprensa escrita quanto às de radiodifusão e televisão.

A câmera foca em vários momentos nas páginas do livro, o que ajuda bastante a compreender que a obra é bastante ilustrativa e se relaciona com tais figuras. Outro destaque é que, a partir das explicações do autor, entende-se que o livro é tanto um relato da história da imprensa paulista quanto da história do Brasil. A narrativa vai desde o século XIX, no período pós- independência, passa pelo início da república, governo varguista, ditadura militar e os dias atuais. Inclusive, na própria entrevista o Pilagallo explica que praticamente a maior parte, senão toda a imprensa apoiou o Golpe Militar em 1964. Esse comportamento é parte de um dos capítulos do livro, conforme apontado no vídeo. Talvez esse seja a análise de similar que mais colabore na questão de modelo a ser trabalhado pelo meu tema.

Objeto:

Referência: LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Este é um livro de bolso, curto, com 72 páginas divididas em 13 capítulos. Nele a autora apresenta o cenário brasileiro enquanto colônia portuguesa e fala como se deu a mudança no que tange às ideias e às publicações impressas no Brasil a partir da vinda / fuga da Corte Portuguesa para o Brasil.

O livro é um relato histórico sobre o surgimento e a consolidação de uma imprensa brasileira no século XIX. Acompanhada de algumas gravuras, a obra tem um formato interessante que auxiliará no meu projeto de mestrado. Por ser um livro essencialmente histórico, as fontes são documentos pesquisados pela autora. Logo, o texto é ausente de

entrevistas, o que poderia ter sido feito com outros historiadores, caso o foco fosse um livro-reportagem.

O texto apresenta o cenário colonial brasileiro e como o país, enquanto colônia portuguesa, era proibido de ter letras impressas. Tentou-se estabelecer tipografias, mas essas tentativas até 1808 foram barradas pelas autoridades portuguesas. Com medo de perder o Brasil e todo o potencial de riqueza que o país representava para a metrópole europeia, Portugal não permitia imprensa, universidade nem fábrica no território brasileiro, o que fez do Brasil diferente de outras colônias na América Latina.

O nascimento da imprensa no Brasil está diretamente relacionado a essa cena histórica e a autora trabalha os fatos em uma relação entre a criação e o término das publicações jornalísticas. O recorte da obra vai até o fim do governo de D. Pedro I, mas até chegar aí, mostra os interesses por trás de cada jornal que surgia à época. Esse interesse é algo que deve ser trabalhado no meu projeto, pois se sabe que atrás de cada veículo, há sempre uma intenção.

O tamanho da página e a quantidade de ilustrações são ideias para a proposta do livro e para o leitor que deseja entender mais sobre todo o processo que desencadeou até a imprensa surgir nas demais cidades brasileiras.

15. APÊNDICE F

- Autorizações para utilização das entrevistas. Listagem em ordem alfabética.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu ALBERTO GOMIDE, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Filipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 09 de Maio de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Filipe G. S. Alves

FILIFE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Caridade

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Antônio Pereira da Silva, CPF _____,
 RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos e
 procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de
 Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação,
 Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de
 Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de
 meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
 (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza
 Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora
 do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem
 quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins
 científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por
 tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde
 que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em
 contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da
 Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121,
 bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo
 telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 23 de Março de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
 Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
 Orientando do projeto

[Assinatura]

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Carlos Henrique de Carvalho depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 12 de junho de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

[Assinatura]

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu CEZAR HONÓRIO TEIXEIRA, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 14 de junho de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G.S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Fonte entrevistada

CEZAR HONÓRIO TEIXEIRA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Edsonaldo A. Abonso de Castro, CPF 1.38564216-53
 RG MG-263575, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho "121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia", do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 25 de Maio de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
 Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
 Orientando do projeto

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Flacir Gonçalves do Amaral, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 30 de Maio de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Flacir

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Ivan Santos, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 22 de Junho de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

hansh

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu José Ivácio Pereira, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 14 de AGOSTO de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

[Assinatura]

Ponte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Martha Spanenberg, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Filipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spanenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spanenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 02 de outubro de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spanenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Filipe G. S. Alves

FILIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Martha Spanenberg

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu MURICIO RICARDO QUIRINO, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 25 de Junho de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

[Assinatura]
Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Neivaldo Silva, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho "121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia", do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 24 de Março de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu NEWTON D'ANGELO, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho "121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia", do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 18 de junho de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

[Assinatura]

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Osuar Vinícius Pereira, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 6 de junho de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Osuar Vinícius Pereira

Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu REGINA MARIA DOS SANTOS, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 29 de junho de 2018.

Ana Cristina M. Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

Regina Maria dos Santos
— Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Fillipe Gomes de Souza Alves, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho “121 anos: a trajetória da imprensa de Uberlândia”, do curso de Mestrado profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o discente Fillipe Gomes de Souza Alves, em conjunto com a professora Ana Cristina Menegotto Spannenberg, orientadora do referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor do discente e da professora acima especificados, desde que sem fins lucrativos. Qualquer dúvida a respeito do projeto, você poderá entrar em contato com: Ana Cristina Menegotto Spannenberg, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 156, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3239-4163.

Uberlândia, 07 de junho de 2018.

Ana Cristina Menegotto Spannenberg

ANA CRISTINA MENEGOTTO SPANNENBERG
Orientadora do projeto

Fillipe G. S. Alves

FILLIPE GOMES DE SOUZA ALVES
Orientando do projeto

b. G. S.

Fonte entrevistada